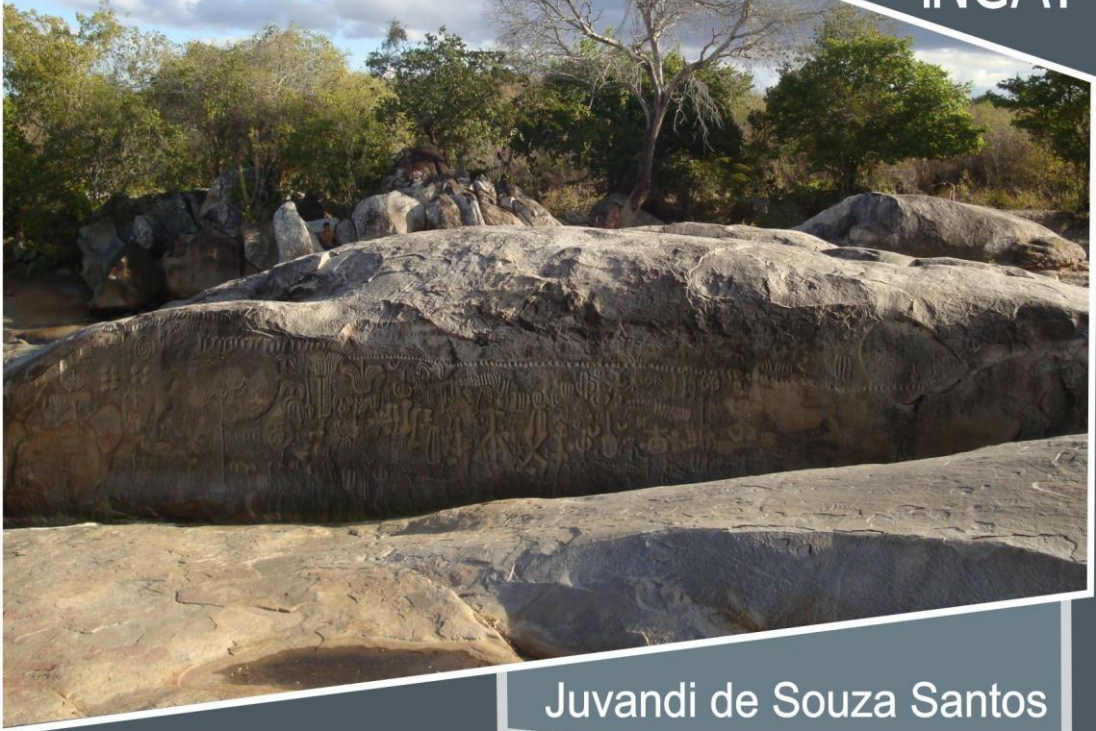


# ESTUDOS DA TRADIÇÃO ITACOATIARA NA PARAÍBA: SUBTRADIÇÃO INGÁ?



Juvandi de Souza Santos

Série:  
Arqueologia/Paleontologia. Vol. III

**ESTUDOS DA TRADIÇÃO ITACOATIARA NA  
PARAÍBA: SUBTRADIÇÃO INGÁ?**

**Série:**

**Arqueologia/Paleontologia. Vol. III.**

**Juvandi de Souza Santos**

**APOIO FINANCEIRO: PROPESQ/UEPB.**

**Campina Grande, Paraíba,  
Fevereiro de 2015.**

**Todos os direitos reservados aos autores. A reprodução não autorizada por escrito desta publicação, no todo ou em parte, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).**

**EDITOR**

Juvandi de Souza Santos

**REVISÃO**

Prof<sup>a</sup> Lenise Melo Dantas  
Pedagoga: Marinalda Sousa Santos

**DIAGRAMAÇÃO**

Alisson Santos Costa

**DIGITALIZAÇÃO**

Juvandi de Souza Santos

**IMPRESSÃO E MONTAGEM**

Copias & Papéis – Gráfica e Editora

**IMAGEM DA CAPA E CRÉDITO**

Itacoatiara do Ingá – Crédito: Juvandi de S. Santos

**CONSELHO EDITORIAL (SPA)**

Antônio Clarindo B. de Souza – UFCG  
Carlos Alberto Azevedo – IPHAEP/IHGP  
Juvandi de Souza Santos – LABAP/UEPB  
Zélia Maria Almeida – UFPB/IHGP  
Thomas Bruno Oliveira – SPA  
Márcio Mendes – UFCE

C331a

**SANTOS, Juvandi de Souza. Estudos da Tradição  
Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?**

Campina Grande, Paraíba. Cópias & Papéis, 2014. 165 pgs.

**Palavras-Chave:** 1. Itacoatiara, Ingá, Subtradição.  
I Título.

**21. ed. CDD-981**

**ISBN: 978-85-912404-6-3**

**Foi feito o depósito legal na Biblioteca Nacional, conforme Decreto  
n. 1.825, de dezembro de 1907.**

## **APOIO FINANCEIRO: PROPESQ/UEPB**

**Alunos bolsistas PIBIC/CNPq/UEPB que participaram do projeto de pesquisa (primeira parte).**

- 1. Dennis Mota Oliveira**
- 2. Elnathan Monteiro**
- 3. Felipe Caetano dos Santos**
- 4. Marcelo Bezerra**

**“Paz a qualquer preço não é paz.”**

**Do filme: “O CORPO”**

**Direção: Jonas McCORD (2000).**

## **Dedicatória**

**Para Dennis Mota Oliveira.**

**Filho do município do Ingá, desbravador  
contemporâneo da região e eterno guardião e  
zelador da Pedra do Ingá.**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO .....</b>	<b>07</b>
<b>PREFÁCIO.....</b>	<b>09</b>
<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1 Histórico e localização do município do Ingá .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.1 Apresentação do principal problema .....</b>	<b>13</b>
<b>1.1.2 Localização a Itacoatiara do Ingá e da área de estudo .....</b>	<b>21</b>
<b>1.2 Justificativa .....</b>	<b>23</b>
<b>1.3 Aporte Teórico .....</b>	<b>28</b>
<b>1.3.1 Breve introdução sobre o assunto .....</b>	<b>28</b>
<b>1.3.2 Tradições, estilos e subtradições rupestres: conceitos básicos .....</b>	<b>43</b>
<b>1.3.3 Sítios rupestres .....</b>	<b>49</b>
<b>1.3.4 Arqueologia na Paraíba .....</b>	<b>54</b>
<b>1.3.5 A Arqueologia no Brasil hoje .....</b>	<b>58</b>
<b>2. METODOLOGIA .....</b>	<b>63</b>
<b>2.1 ETAPAS DO PROJETO: Identificação e</b>	

<b>descrição dos sítios arqueológicos da     Tradição Itacoatiara .....</b>	<b>63</b>
<b>2.2 Metodologia e discussão das ações     desenvolvidas .....</b>	<b>64</b>
<b>2.2.1 Educação Patrimonial .....</b>	<b>65</b>
<b>3. RESULTADOS .....</b>	<b>69</b>
<b>3.1 Identificação dos sítios na área     localizados/trabalhados na área de     pesquisa .....</b>	<b>72</b>
<b>3.2 Características dos sítios arqueológicos     Identificados .....</b>	<b>75</b>
<b>3.2.1 As itacoatiaras trabalhadas .....</b>	<b>78</b>
<b>4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS     COM A PESQUISA .....</b>	<b>149</b>
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>157</b>
<b>6. DIFICULDADES ENCONTRADAS .....</b>	<b>160</b>
<b>7. OBSERVAÇÕES E RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>161</b>
<b>8. REFERÊNCIAS .....</b>	<b>162</b>

## APRESENTAÇÃO

O livro em questão apresenta como principais objetivos o de realizar o levantamento, a identificação e a catalogação dentro da área polarizada pela Itacoatiara (gravuras rupestre) do Ingá, sítios da Tradição Itacoatiara de gravuras rupestres que apresentem as mesmas características (ou não), de confecção dos petróglifos em meia-cana, tendo como sítio nuclear a Itacoatiara do Ingá, para compará-las as gravuras identificadas nesses sítios as do Ingá e identificar uma provável existência de uma subtradição de arte rupestre de Itacoatiara para a região do estado da Paraíba e adjacências. Para tanto, realizamos atividades de campo durante três anos e já identificamos mais de quarenta (40) itacoatiaras, sendo que, neste trabalho, apenas apresentamos o estudo realizado sistematicamente em dezenove (19) sítios, no que concluímos, mesmo que de forma prematura e dado a importância da Itacoatiara do Ingá como sítio arqueológico de rara beleza e com característica única no Brasil, que



existe, de fato, a partir deste importante sítio, uma cultura das itacoatiaras numa larga região do que hoje é o estado da Paraíba e circunvizinhanças, que denominamos de Subtradição Ingá. Finalmente, somos conscientes que necessário se faz a busca de mais sítios com gravuras numa área maior do que a que trabalhamos nesta etapa primeira do projeto que recebeu apoio financeiro do PROPESQ/UEPB, num raio de 45 Km a partir do sítio nuclear), para que possamos melhor consolidar nossa propositura. Paralelo as atividades arqueológicas foram desenvolvidas atividades de Educação Patrimonial, objetivando salvaguardar para as gerações presentes e futuras, o pouco que ainda resta dos sítios arqueológicos da região, no que também sugerimos que tais atividades sofram continuidade paralelamente as atividades de pesquisas de novas ocorrências de itacoatiaras na Paraíba.

## **PREFÁCIO**

A pedra do Ingá é um monumento de valorização internacional pela expressividade dos contornos, das estruturas e do conjunto de painéis com gravuras rupestres. Na Arqueologia, é valorizado como um dos maiores e mais belos exemplos desse tipo de inscrição. Encontra-se presente em livros didáticos nacionais voltados para educação básica e ensino superior. Um local de visitas turísticas e expedições acadêmicas por pesquisadores de diversas áreas: Arqueologia, Biologia, Artes, História, Geografia etc..

Observa-se que historicamente há muita ilusão e ficção nas especulações sobre o significado dos símbolos presentes no extenso painel. Em contraposição, a divulgação de interpretações acadêmicas sobre os significados das gravuras tem sido aplicada aos visitantes, mudando o olhar cristalizado do visitante. Portanto, explicações equivocadas são refletidas e, por vezes, deixadas de lado. Não que o

imaginário popular esteja errado, mas que o indígena construtor daquelas gravuras seja valorizado.

Grande parte desse trabalho de mudança conceitual fora aplicado durante décadas por Juvandi de Souza Santos, Dennis Mota e outros pesquisadores, que deixam o discurso de lado e partem para campo em busca de identificar e catalogar novos sítios arqueológicos e enriquecer ainda mais o passado pré-histórico circunscrito no território paraibano.

Fazem o que lhes é possível com uma quantia limitada de recursos, geralmente retiram do próprio bolso para financiar essa Arqueologia heróica aos moldes antigos com a análise rigorosa e sistemática dos métodos arqueológicos atuais. Esse livro e tantos outros do Prof. Juvandi e seus colaboradores bolsistas do PIBIC/CNPQ/UEPB são frutos dessa persistência e luta desses nobres pesquisadores em busca de reconhecimento e valorização, por exemplo, da Pedra do Ingá, que geralmente é ignorada ou deixada em segundo plano pelo poder público.

Outra contribuição para o desenvolvimento dessa região está em um guia, morador do Ingá, que se aperfeiçoou

e atualmente é um par acadêmico, Dennis Mota, que junto às interpretações e atividades de extensão propostas pelos pesquisadores acima citados, completa a ação de divulgar e valorizar o monumento cotidianamente. Outro papel indispensável feito por ele é a conservação da área contra vândalos e indivíduos mal intencionados, geralmente em busca de levar um pedaço do patrimônio brasileiro para casa.

Esse livro não paira somente na Pedra do Ingá, ele avança no sentido de registrar novos sítios arqueológicos com gravuras rupestres. É um livro indispensável para quem procura desbravar os sítios arqueológicos com gravuras na Paraíba. Um marco para não inventarem a roda, ou seja, não gastarem dinheiro público registrando e catalogando novamente os sítios arqueológicos de gravuras. Os capítulos finais deixam bem claro o que há de problemas para conservação dos painéis e sugestões para futuras pesquisas.

Sabe-se que o holofote sempre foi dado para Pedra do Ingá, mas ela e muitos outros painéis são igualmente relevantes para reconstruir o passado de indígenas pré-históricos dotados de muita criatividade e comunicação.

Que esse livro sirva como um manual obrigatório para pesquisadores e admiradores a fim de desbravar as inscrições em rochas feitas por grupos humanos pretéritos.

**Allysson Allan de Farias**

**Biólogo - UEPB**

**Mestre em Arqueologia - CFCH/UFPE**

**Doutorando em Genética - IB/USP**

**Orientador: Rui Sérgio Sereni Murrieta.**

## **1. INTRODUÇÃO**

### **1.1. Histórico e localização do município do Ingá**

#### **1.1.1. Apresentação do principal problema**

Identificar dentro da área de estudo polarizada pela Itacoatiara do Ingá, sítios rupestres da Tradição Itacoatiara que apresentem as mesmas características (ou não), de confecção dos petróglifos em meia-cana, para compará-las as do Ingá e identificar a existência de uma provável subtradição de arte rupestre de Itacoatiaras para a região que, prematuramente chamamos de SUBTRADIÇÃO INGÁ.

O conjunto de inscrição parietal do Ingá ocupa uma área aproximada de 250 m<sup>2</sup>, sobre uma massa gnáissica soerguida em meio ao curso do riacho Bacamarte, com painéis de inscrições gravados na superfície ígnea, ora do lajedo, ora em blocos soltos. O afloramento magmático se apresenta como obstáculo para o riacho, no entanto, oferece uma oportunidade de travessia em meio a uma abertura de aproximadamente 7 metros de largura, por onde o riacho segue emparedado. Este corredor que forma um pequeno

canyon se estende por 15 metros, é formado por paredes erodidas mas em muitos casos polidas pela força das intempéries que tem agido ali por milhares de anos e inúmeros caldeirões que foram caprichosamente trabalhados pelo efeito turbilhonar da correnteza e o material dos enxurros. O que lhe dá um curioso aspecto de exíguo boqueirão ruiforme.

Ao final do corredor por onde o riacho Bacamarte segue em tumultuosa corredeira (no período das invernadas), forma-se uma depressão pouco profunda de leito fluvial, em forma de enseada, abrandando o itinerário seguinte do riacho, que dali, segue sereno e meandreando, por entre profunda ribanceira recortada no sedimento pelas periódicas e impetuosas torrentes de inverno.

Durante o período invernososo a violência do riacho invade transbordante por parte do afloramento, buscando maior capacidade de fluência e, no verão, este tributário do rio Paraíba é relativamente seco, mas torna-se perene com um pequeno filete de água graças aos esgotos que são despejados “in natura” em seu velho leito. Contudo, o interior dos caldeirões e o poção reservam águas estagnadas

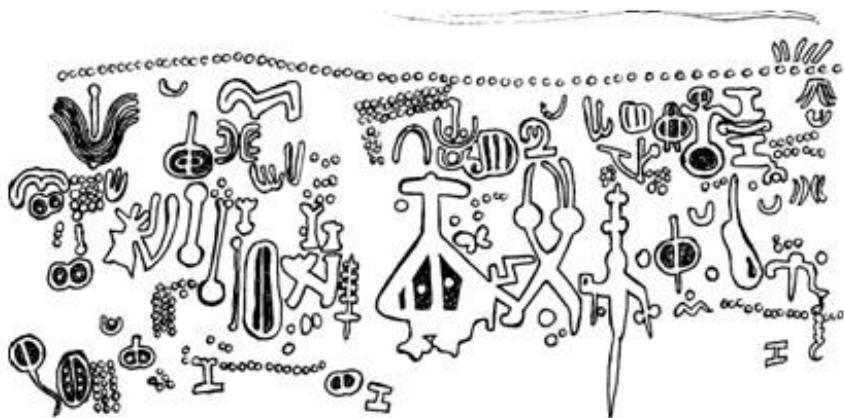
até próximo ao novo ciclo de chuvas (BRITO, 2008, pp. 14-16).

Para muitos, o sítio arqueológico Pedra do Ingá é apenas o grande paredão gnáissico em meio ao afloramento rochoso do riacho Bacamarte, primoroso pela sua profusão, capricho e complexidade gráfica. Entretanto, toda a área pedregosa desta porção do riacho, bem como, a área proposta para estudo de prospecção, apresenta vestígios de ação parietal, cujo levantamento primário, no caso do Ingá, aponta 20 painéis distintos: O Painel Vertical do Ingá encontra-se num opulento paredão em eixo longitudinal, elevando-se proeminente em meio ao outeiro. É o mais famoso, vivaz e magnificante do conjunto parietal, cuja maior parte dos registros encontram-se profusos abaixo de uma linha filiforme horizontal de incisões capsulares (Fig. 1). Ocupa uma área de 52 m<sup>2</sup> em parede a prumo direcionada para o Noroeste, e suas inscrições apresentam-se esmeras, com diversos sinais ambíguos, compondo um complexo e surpreendente conjunto rupestre de sulcos largos, profundos e muito bem polidos. Sua imponência harmoniosa e expressiva é



tamanha, que se o historiador grego Heródoto o tivesse visto, possivelmente, o incluiria entre as grandes Maravilhas do Mundo Antigo.

Abaixo deste, sobre o piso íngreme e liso do lajedo, encontra-se o Painel Inferior ocupando uma área quadrada de aproximadamente 2,5 m<sup>2</sup>. Sua composição faz lembrar uma organização estelar voltada para o firmamento (Fig.2).



**Fig. 1** – Painel vertical da Itacoatiara do Ingá, Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** J. A. Fonseca.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?



**Fig. 2** – Composição de gravuras que representam astros, painel horizontal da Itacoatiara do Ingá, Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos.

Logo acima do painel vertical, está o painel superior, decorando uma área de 3,7 m<sup>2</sup> no dorso convexo do

monumento. Este, onde a pedra é revestida de resíduos orgânicos, apresenta poucos símbolos dispersos, em grandes proporções e capsulares filiformes (BRITO, 2008, pp. 16-18) (Fig. 3).



**Fig. 3** – Painel superior existente no sítio arqueológico Itacoatiara do Ingá, Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem;** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Os registros gráficos destes três painéis foram executados em profundidade (meia cana) e se apresentam muito bem polidos no interior côncavo dos sulcos e, por exibir maior requinte técnico e estilístico, estão bem circunscritos e geralmente é objeto de segregação nos diversos trabalhos sobre a Pedra do Ingá. No entanto, nas adjacências deste conjunto principal, existem outras inscrições que são marginalizadas por não se apresentarem tão nítidas, conjuntas e bem elaboradas como as que decoram e emolduram o monumento protagonista. Estes, que são em número de dezessete (17), foram observadas por Thomas Bruno Oliveira, que as denominou de inscrições marginais (OLIVEIRA, 2006, pp, 6-7) (Fig. 4).

As inscrições marginais se apresentam ora picotadas, ora polidas e também apenas raspadas. Estão incisas em pequenos painéis no piso lajedo, no interior côncavo de alguns caldeirões na parede Norte do corredor, nas rochas que formam a parede Sul do corredor, em pedras soltas no leito do riacho e em afloramentos pouco abaixo do conjunto rupestres que formam ilhas no riacho Bacamarte.



**Fig. 4** – Figuras marginais aos painéis principais existentes na Itacoatiara do Ingá (nos tanques), Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos

Não se sabe por que estas inscrições que circundam o conjunto principal do Ingá não se harmonizam na técnica e nem na composição plástica, embora devam receber o mesmo interesse científico e serem avaliadas por exame somático. No entanto, essas observações, também foram feitas em outras Itacoatiaras da região, como a do Amaragi, no município de Lagoa Seca.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Os estudos de pesquisadores como a arqueóloga Gabriela Martin, o historiador e arqueólogo Juvandi de Souza Santos, dentre outros, sugerem que a Pedra do Ingá está filiada a uma cultura gráfica bem distinta e que, os elementos para classificar esta cultura gráfica, devem estar distribuídos numa área ecológica semelhante aquela verificada na região do riacho Bacamarte. Assim, nosso propósito, foi o de estudar uma área circundante da Pedra do Ingá, num perímetro de 180 km<sup>2</sup>, em busca de resgatar e analisar tais indicativos culturais capazes de definir a cultura das Itacoatiaras familiarizadas com a Pedra do Ingá, proporcionando ou não, nossa equipe, conjecturar a existência de uma subtradição de Itacoatiaras na Paraíba que aqui, de forma ainda embrionária, chamamos de Subtradição Ingá.

### **1.1.2. Localização da Itacoatiara do Ingá e da área de estudo.**

A partir das coordenadas geográficas: Latitude Sul: 07°17'26" e Longitude Oeste: 35°36'31" onde se situa o

conjunto rochoso da Pedra do Ingá (FARIA, 1987, p. 24), o campo de estudos abrangerá um círculo de 360º, tendo como epicentro o monumento da Pedra do Ingá, distanciando-se da mesma a 45 km. Totalizando 180 km<sup>2</sup> de área (Fig. 5). Englobando territórios dos municípios paraibanos de: Ingá, Mogeiro, Riachão do Bacamarte, Itatuba, Fagundes, Queimadas, Caturité, Barra de Santana, Gado Bravo, Umbuzeiro, Natuba, Aroeiras, Salgado de São Félix, Itabaiana, Juarez Távora, Massaranduba, Campina Grande, Serra Redonda, Puxinanã, Lagoa Seca, Esperança, Montadas, Areial, Remígio, Alagoa Nova, São Sebastião de Lagoa de Roça, Alagoa Grande, Areia, Serraria, Arara, Pilões, Borborema, Pilõezinhos, Guarabira, Alagoinha, Araçagi, Pípirituba, Cuitegi, Mulungu, Cuité de Mamanguape, Mari, Sapé, Cruz do Espírito Santo, São Miguel de Taipu, Pilar, Juripiranga, Pedras de Fogo, Itabaiana, São José dos Ramos, Riachão do Poço, Gurinhém, Caldas Brandão e Sobrado, totalizando cinqüenta e três (53) municípios iniciais.

Os municípios, segundo classificação do Atlas Escolar da Paraíba, elaborado pela Fundação Casa de José Américo,

abrangem territórios das Mesorregiões Geográficas da Zona da Mata e Agreste da Paraíba (RODRIGUES, 2000, p. 13).

## **1.2. Justificativa**

Apesar do conjunto rupestre da Pedra do Ingá ser um dos mais famosos e pesquisados no país, até o presente não existe um diagnóstico oficial definitivo sobre esta cultura. O historiador Vanderley de Brito, em longos anos de estudos no interior do estado da Paraíba, descobriu evidentes analogias em diversas gravuras rupestres com a Pedra do Ingá, demonstrando que esse célebre conjunto rupestre é um elemento das demais inscrições em pedra. Estando, portanto, em uma mesma filiação cultural.

Entretanto, também observou-se que as Itacoatiaras apresentam brandas modificações gráficas, técnicas e seletivas de acordo com as unidades ecológicas, e essas adaptações podem indicar que estão relacionadas com padrões de subsistência. Portanto, um estudo da distribuição de diferentes tipos de sítios, conforme zonas geográficas,



podem constituir uma preciosa pista que deve ser examinada com muita cautela para uma classificação das Itacoatiaras e, possivelmente, fornecer preciosas informações acerca do (s) grupo (s) executor (es) da (s) mesma (s).

Consideramos a Pedra do Ingá dentro de uma modalidade técnica que obedece a uma seleção criteriosa, de escolha de suporte rochoso e meio ecológico para as gravuras filiadas ao mesmo universo cultural da Pedra do Ingá. Para a Arqueologia estes grupos pré-históricos que gravavam inscrições em pedras, usavam recursos técnicos e operativos nas representações pictóricas que podem ser interpretados como evolução gráfica ou diferenciações étnicas e cronológicas. Na Paraíba e, em outros Estados do Brasil, segundo Martin (2005), apresentam-se de forma geral, três modalidades de variações técnicas para gravar suportes rochosos, para as quais definiu os termos denominativos de: meia-cana (baixo-relevo), picoteamento e raspagem, que, via de regra, contempla regiões geográficas e ecológicas específicas.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

A Pedra do Ingá se enquadra no estilo Meia-cana (baixo relevo): esta técnica de gravura está muito bem representada nos painéis verticais, superior e inferior da Pedra do Ingá. São sulcos profundos, atingindo até 8 mm, e largos: há registros de outras Itacoatiaras na região onde desenvolvemos nossas pesquisas com sulcos semelhantes e apresentam essa mesma profundidade, entre 8 e 5 mm. O interior côncavo é muito bem polido e boleado. Geralmente, as superfícies utilizadas para esta técnica, são previamente polidas por meios naturais ou antrópicos.

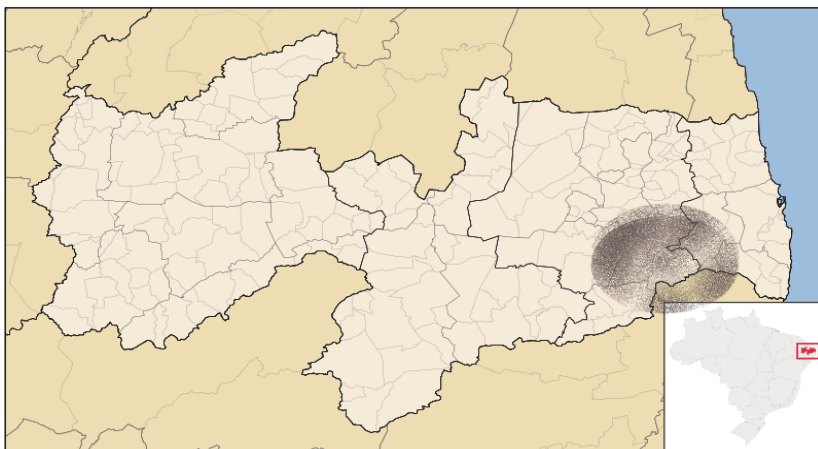
Este tipo técnico apresenta-se na Paraíba, oportunamente, em regiões amenas como o Brejo e o Agreste Oriental e estão presentes às margens e leitos de rios e riachos, geralmente, onde estes formam poços, caldeirões e corredeiras. Outra peculiaridade deste tipo de sítio é apresentar inúmeros outros painéis e sinais sob técnica tosca, distribuídos nas adjacências de um conjunto principal admirável e profuso. A pesquisadora Alice Aguiar também observou no sítio Boi Branco, em Pernambuco, esta peculiaridade. Santos (2007) observou tais técnicas em Itacoatiaras de vários pontos da Paraíba.

Conjuntos de depressões perfeitamente capsulares e símbolos complexos são a principal temática deste modelo gráfico. Registram-se sempre, lajes soltas coberta de sulcos desordenados. Essas características foram intensamente observadas nas itacoatiaras por nós trabalhadas com o objetivo principal de traçarmos o perfil estilístico da tradição na Paraíba e sugerir, a partir daí, a existência de uma subtradição.

A arqueóloga Gabriela Martin, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), também defende a perspectiva de que a Pedra do Ingá possa se constituir em algo único e que, um levantamento dos sítios pré-históricos de Itacoatiaras da Paraíba, circunvizinhas da Pedra do Ingá, deva ocorrer para que se possa falar de uma “Subtradição Ingá” de gravuras rupestres, cujas características, a priori, seriam o posicionamento ao longo de cursos d’água, a forma curva e complexa dos grafismos, pontos ou pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e, que, dão a impressão de linhas de contagens, denso preenchimento dos painéis, além da técnica de raspado e polido contínuo na elaboração dos grafismos (MARTIN, 2005, p. 298).

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Em virtude destes apontamentos, nossa pretensão tem sido a de um estudo num raio circular de 45 km, tendo como epicentro a Itacoatiara do Ingá, para o estudo da cultura pré-histórica de gravuras rupestres no estilo (Subtradição) Meia-cana.



**Fig. 5** – Área onde está sendo desenvolvido, inicialmente, o projeto de pesquisa.

**Fonte:** Mapa da Paraíba – Wikipédia (2014).

O nosso principal objetivo ao realizarmos tal estudo, consiste na realização de prospecções, salvamentos, escavações, Educação Patrimonial e medidas de contenção de destruição deste legado cultura compreendido na área de

estudo, bem como a busca por explicações que comprovem a existência ou não, de uma subtradição de Itacoatiara denominada por nós, de subtradição Ingá de gravuras rupestres, na Paraíba, além de geo-referenciarmos os sítios encontrados e, se possível, traçarmos o *modus vivendi* da cultura humana das itacoatiaras.

### **1.3. Aporte teórico**

#### **1.3.1. Breve introdução sobre o assunto**

A arte rupestre é uma forma de comunicação através de convenções, ou seja, é um tipo de linguagem simbólica organizada; é uma maneira de se relacionar com as pessoas através do tempo. As representações rupestres, refletem aspectos simbólicos das sociedades humanas que as produziram. Entretanto, os significados reais das figuras, produzidas em outros períodos, acabam perdendo-se no tempo.

Vialou (2000, p. 351) destaca que a arte rupestre é uma marca muito importante da originalidade simbólica que

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

se reflete e se define na extensão territorial em que ocorre. Assim, as pinturas e gravuras, espelham a identidade cultural da sociedade que as fez, tratando-se de uma expressão da consciência simbólica coletiva.

Na arte rupestre manifestam-se duas relações fundamentais entre os grupos humanos: a de um indivíduo (um intérprete do tempo e da cultura a que pertenceu) para os outros membros da sociedade, e a de criar a própria vida, através de representações relacionadas ao sexo (imagens humanas e de animais) e ao cérebro (concepção espacial simbólica e abstração pura). Esses sistemas de representação permitem estabelecer dentro das sociedades humanas uma relação de significados.

Vialou (2000, p. 381) observa que as representações rupestres, por serem imóveis e visíveis, são fontes notáveis de simbolização, pois, são testemunhos da escolha relacionada às atividades individuais e/ ou coletivas, distintas ou independentes, do cotidiano das populações que produziram essas representações.

A construção de símbolos gráficos ocorre através da elaboração de sistemas de significados, em uma dimensão psicanalítica. A representação não é só um ato gráfico, pois cria uma relação nova, carregada de significados. Afinal, como Vialou (2000, p. 381) ressalta, a escolha temática emana como manifestação da estruturação física e social daqueles que as fizeram, e naqueles grupos e indivíduos que reconhecem uma história comum, resultante de uma vivência presente ou passada.

As representações podem ser figurativas ou geométricas abstratas (sinais), e as três grandes categorias de representação da arte rupestre são as figuras humanas, as de animais e os sinais. Os sinais, são representações geométricas, não importando o significado. Existem sinais elementares, como os pontos, traços, barras, e os sinais elaborados, feitos a partir da reunião de um conjunto de sinais simples. Os sinais elaborados repetem-se e podem ajudar a definir culturas e territórios, juntamente com a cronologia. Os motivos são representações únicas, emblemáticas, que não se repetem, e assim, podem definir um sítio.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

A arte rupestre possibilitou tanto a marcação das relações objetivas entre homens e mulheres, quanto das relações expressivas entre homens e animais. Existe uma universalidade do comportamento simbólico na arte pré-histórica, apesar da diversidade cultural dos grupos humanos ser infinita. O aspecto universal decorre que a espécie humana possui uma mesma organização cerebral, e isso, acaba levando a convergências. Afinal, o cérebro tem possibilidades limitadas de criar figuras.

Através dos estudos destes registros deixados pelas sociedades pré-históricas, é possível analisar vários fatores que elucidam como estes homens viviam. Amostras retiradas das pinturas e análise em laboratório juntamente com áreas afins da Arqueologia, como a Arqueologia Experimental, procuram desvendar quais misturas eram utilizadas para formar os pigmentos utilizados no feitiço dos registros, e, com estas mesmas amostras podem ser estimadas as datações aproximadas da sua existência nas rochas, com o uso do carbono 14 e outros métodos de datações radiométricas (BASTOS, 2010).



Outras pesquisas transcorrem na busca de uma organização destas fontes únicas, e procura-se por meio destas, identificar, mapear e documentar o universo de representação simbólica e estética do homem pré-histórico.

Segundo André Prous (1992, p. 509) e Beltrão (1978, p. 335), os sítios arqueológicos encontrados no Brasil e que possuem gravuras e pinturas, não são descobertas de *merecimento* apenas do século XX:

As figurações rupestres são mencionadas desde o século XVI: o governador da Paraíba, Feliciano de Carvalho, encontrou em 1598 no rio Araçá gravuras rupestres cuja localização exata foi verificada recentemente. [...] na mesma época bandeiras paulistas encontravam a pedra dos Martírios em Goiás. Poucos anos depois o Capuchino Francês Yves d'Evreux reproduz o discurso de um pajé indígena que provavelmente faz referência a gravuras do Maranhão. Alguns painéis foram reproduzidos por naturalistas do início do século XIX (PROUS, 1992, p. 509).

No Brasil, obtêm-se as primeiras informações sobre os registros rupestres nos relatos de André Thevet, um francês da Ordem dos Franciscanos que, a convite de Nicolas Durand, também um francês e que possuía interesse em ter uma colônia no Brasil, o acompanhou nessa expedição como

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

seu relator. Em um texto elaborado por Maria da Conceição de M. C. Beltrão, consta um trecho do relato de Thevet quando chegou a Cabo Frio com os demais comendadores franceses interessados em situar uma colônia:

(...) o morubixaba, que assim tratou a todos, conduziu os franceses até uma grande e comprida pedra, de cerca de cinco pés, na qual se viam sinais feitos por golpes de vergasta, ou bastonetes, ao lado da impressão de dois pés. Afirmam os silvícolas que esses sinais foram feitos pelo maior de seus caraíbas, tão reverenciado entre os índios quanto o é Maomé entre os turcos - o qual lhes ensinou o uso do fogo e o do plantio das raízes. Até então alimentavam-se os selvagens exclusivamente de ervas e caças. os silvícolas guardavam esta pedra como um grande e precioso tesouro (BELTRÃO, 1978, p. 351).

O acesso ao patrimônio cultural, através dos estudos e pesquisas documentais, procura incansavelmente responder aos questionamentos humanos sobre o passado, visando principalmente, o conhecimento sobre nossas origens. Os sinais que nos ficam de herança de um tempo em que não vivenciamos, permitem o entendimento de nós mesmos e de quais sociedades precedemos.

O conjunto de escrituras rupestres da Pedra do Ingá é um dos mais famosos e também um dos mais pesquisados do Brasil, mas, até o momento, não existe nenhum diagnóstico definitivo sobre essa cultura. Contudo, os estudos do historiador Vanderley de Brito (2013) aponta evidentes analogias em diversas gravuras rupestres com a Pedra do Ingá, demonstrando que esse celebre conjunto rupestre é um elemento das demais inscrições em pedra estando em uma mesma filiação cultural. Entretanto, também se observou que as Itacoatiaras apresentam brandas modificações gráficas, técnicas e seletivas de acordo com as unidades ecológicas, e essas adaptações podem indicar que estão relacionadas com padrões de subsistência. Portanto, um estudo da distribuição de diferentes tipos de sítios conforme as zonas geográficas podem constituir uma preciosa pista que deve ser examinada com muita cautela para uma classificação das Itacoatiaras e, possivelmente, fornecer preciosas informações acerca dos grupos executores das mesmas.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

A arqueóloga Gabriela Martin (1975) que também defende a perspectiva que a Pedra do Ingá possa se constituir em algo único e que um levantamento dos sítios pré-históricos de Itacoatiaras da Paraíba, circunvizinhas da Pedra do Ingá, deva ocorrer para que se possa falar de uma “Subtradição Ingá” de gravuras rupestres.

Esses apontamentos foram de extrema importância para elaboração e desenvolvimento do nosso projeto. Com isso, o nosso propósito foi o de dar continuidade aos estudos já iniciados no ano de 2010 que, sem dúvida, contribuíram profundamente para nossas observações conclusivas. Essas pesquisas anteriores, até o momento, já fizeram o levantamento e a catalogação de alguns sítios arqueológicos da tradição Itacoatiara num raio de 45 km, tendo como ponto central a Itacoatiara do Ingá para o estudo da cultura pré-histórica de gravuras rupestres no estilo (Subtradição) Meia Cana. Contudo, é importante frisar que nossas pesquisas não se limitam apenas ao levantamento e a catalogação dos sítios arqueológicos de gravuras rupestres, mas a todos os testemunhos arqueológicos, existentes na área de atuação determinada em nossas pesquisas e,

especialmente, a atividade de Educação Patrimonial, como forma de salvaguardar esse patrimônio para as gerações futuras.

Porém, para termos um melhor desempenho em nossas pesquisas é preciso ter uma base teórica bastante abrangente e diversificada a respeito do assunto que permeia a pesquisa, principalmente quando se envereda por estudos tão complexos como os de fronteiras estilísticas e culturais (MARTIN, 2003). Com isso, nos primeiros meses de trabalho nos deleitando sobre uma vasta bibliografia que nos deu uma base segura para o desenvolvimento do mesmo. Essas leituras foram de extrema importância para podermos entender como esses povos primitivos viviam e, além de tudo, para conhecermos a importância das inscrições rupestres Itacoatiaras. Para entendermos essa importância foi de extrema necessidade a leitura do artigo intitulado “As Itacoatiaras e os megalitos” do pesquisador Luiz Candido, *Pré-História II: Estudos para a Arqueologia da Paraíba*. O mesmo, faz uma comparação dos maiores monumentos arqueológico da Europa com os monumentos encontrados aqui na Paraíba, chegando a se surpreender

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

com tamanha beleza e importância dos mesmos, destacando no seu texto o seguinte comentário:

A grande surpresa, entretanto nos aguardava na Paraíba. Para lá nos dirigimos por duas ocorrências que até hoje, se contam entre os referênciais mais singulares da Arte Rupestre do País. A Pedra do Retumba (GALDINO, 2006, p. 33).

Depois de ter feito um breve histórico sobre o monumento e sua importância o autor nos surpreende com um segundo comentário:

O segundo corresponde naturalmente a Itacoatiara do Ingá. O monumento havia se tornado onipresente para mim não apenas pela sua representatividade, mas também em face da diuturna atenção que dedicava o amigo José Anthero Pereira Júnior, professor da cadeira de Etnografia e Língua Tupi-Guarani, na Universidade de São Paulo e grande divulgador do Monumento fora da Paraíba. (GALDINO, 2006, p. 37).

Destaco essas duas falas do pesquisador, pois nelas, vemos a tamanha importância e dedicação da comunidade acadêmica por essas escrituras que ainda é um enigma e que tem muito para ser estudado.

Outro artigo que faz parte do mesmo livro é o do historiador e pesquisador fundador da SPA (Sociedade Paraibana de Arqueologia) Thomas Bruno Oliveira, intitulado: *Inscrições Marginais: O caso da Pedra do Ingá*. Considero este artigo de extrema importância, pois o mesmo se dedica não só ao painel central da Pedra do Ingá, mas os painéis do entorno da mesma, colaborando, assim, para que pesquisadores iniciantes consigam ter um vasto conhecimento de como essas inscrições rupestres possam se revelar em outros lugares. O autor destaca que, essas inscrições, que chama de inscrições marginais, são desprezadas nos estudos relacionados à Pedra do Ingá por não serem bem acabadas e tão profundas quanto a do painel principal.

Segundo o mesmo, esta segregação para esse tipo de inscrições rupestre há muito tempo vem sendo aplicada. Afirmar que:

Está metodologia de segregação para inscrições rupestres desde a muito vem sendo aplicada que visa estudar o universo gráfico de sociedades pré-históricas. Talvez por comodidade ou dificuldade de encaixá-las em modelos de estudo. Essa tentativa de omissão,

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

a nosso ver, tende a limitar a já delicada compreensão contextual da pré-história (OLIVEIRA, 2006, p. 116).

A citação mostra a importância dessas escrituras para o desenvolvimento e o entendimento contextual da Pré-História. O autor ainda enfatiza que:

A compreensão do cotidiano de sociedades mortas se dá com criteriosos processos de análise contextual de todos os vestígios que de forma direta ou indiretamente apresentam-se nos sítios arqueológicos (OLIVEIRA, 2006, p. 117).

Com essas citações podemos perceber que, para conseguirmos obter resultados em nossas pesquisas, é preciso que não desprezemos nenhum vestígio arqueológico, pois todos têm algo a dizer e será de fundamental importância para compreensão dessas inscrições que por muito tempo ainda, serão um enigma para comunidade científica.

Diante de um trabalho de pesquisa tão minucioso quanto esse, não poderíamos deixar de ter como referência duas obras que acreditamos ser de extrema importância



para o desenvolvimento das pesquisas, entre elas podemos começar falando da célebre obra: “Pré-História do Nordeste do Brasil”, da Professora Gabriela Martin. Se pensarmos em fazermos uma definição do Nordeste, é mais do que definir limites geográficos. Essa definição cria na verdade, subentendidos aspectos sócio/histórico e porque não dizer, políticos ou de convivência social. Se partirmos da questão de que toda sociedade humanitária tem a sua gênese existencial e que existe uma relação de interação entre os espaços naturais e os indivíduos que os ocupam é de extrema importância que, para entendermos esses aspectos ou essas relações entre espaço natural e indivíduos, conhecermos a Pré-História da nossa região. Contudo, não poderíamos deixar de expressar que a obra “Pré-história do Nordeste do Brasil”, da Professora Gabriela Martin é essencial para podermos entender todas essas questões expressas até agora neste texto e para termos uma compreensão do que foi a nossa Pré-História.

Outro trabalho de extrema importância é a obra: “Manual do Arqueólogo” (2010) do Professor Juvandi Santos como o próprio título diz, é um guia prático para estudantes

aprendizes de Arqueologia; a mesma se dedica a explorar minuciosamente as etapas do conhecimento arqueológico e suas práticas. Na obra o autor começa fazendo uma pequena introdução sobre o estudo da Arqueologia e o seu desenvolvimento desde quando a mesma era vista como uma mera disciplina auxiliar da História fornecedora de dados, o conceito ou o pensamento atual da Arqueologia como ciência independente intimamente relacionada com a História. No decorrer da obra, o autor trabalha também o desenvolvimento da Arqueologia, cultura material, abordando seus conceitos e explicações, discutindo, inclusive, a palavra cultura, além de outras temáticas como Arqueologia e as Ciências Sociais, as pesquisas arqueológicas e porque escavar o sítio, passando por todas as etapas do processo de escavação e tratamento dos materiais arqueológicos.

Para finalizar, não podemos esquecer da questão estética que a arte rupestre nos proporciona. Aproximadamente 40 000 anos a.C foram feitas as primeiras manifestações artísticas: desenhos, pinturas e esculturas desse mundo, desenvolvendo-se, assim, as primeiras obras

de arte conhecidas da História da Arte (HACHETTE, 1930). Nas cavernas que o homem então habitava, foram encontradas numerosas manifestações artísticas, sendo os mais belos testemunhos daquele passado remoto as pinturas rupestres do período glacial. Ainda hoje muitas delas nos surpreendem com o seu brilho e o seu vigor nos paredões de rochas, como as existentes em Lascaux II, na Dordonha, França (Fig. 6).



**Fig. 6** – Figuras rupestres da gruta de Lascaux II, Dordonha, França.  
**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Mesmo nos mais remotos estágios de seu desenvolvimento cultural como caçador/coletor nômade, o homem fez consideráveis progressos no plano mental e muitas das bases que repousa à civilização atual é devido as suas realizações artístico-culturais da Pré-História.

### **1.3.2. Tradições, estilos e subtradições rupestres: conceitos básicos**

A comparação estilística e temática, possibilita-nos fixar a cronologia dos vários estágios de difusão da arte rupestre, pois segundo Gabriela Martin:

Para Pessis e Guidon (1992), o estilo é uma classe mais particular decorrente da evolução de uma sub-tradição segundo as variações da temática que refletem as manifestações criativa de cada comunidade (MARTIN, 2005, p. 242).

Contudo, a citação nos deixa a entender que o estilo resulta do conjunto de qualidades de cada evolução artística. Sendo assim, o estilo qualifica determinada época.

Entretanto, para entendemos melhor esse processo evolutivo de difusão da arte rupestre faremos um breve resumo desse período. Entre 9.000 e 8.000 a.C., termina a última Era Glacial. A mudança de clima alterou radicalmente as condições de vida humana. O calor, cada vez mais forte, fez desaparecer as planícies áridas e as geladas, onde viviam os rebanhos e as florestas começaram a recobri-las. Os caçadores quase reduzidos de novo a coletores de alimentos, já estavam aptos para aprender a cultivar vegetais, processo que teve início no Oriente Médio onde a grande presença de vegetais tornava a região favorável á descoberta da agricultura. A passagem para a produção de alimentos e a agricultura na Europa, por volta do ano 2.000 a.C., e perceber a influência das culturas desenvolvidas no Oriente Médio em quase toda parte do globo. Daí em diante, torna-se necessário considerar as culturas primitivas a luz de suas relações com as culturas amadurecidas.

Cerca de 6.000 a.C., um novo estilo de arte rupestre surgiu nas proximidades no Mediterrâneo Ocidental, como resultado dos contatos dos caçadores nômades com as culturas avançadas do Oriente Médio. Ao velho repertório de

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

figuras animais vieram juntar-se figuras humanas derivadas das culturas contemporâneas que devam sua especial elegância quanto ao movimento aos próprios caçadores. Contudo, essas mudanças foram de fundamental importância para o desenvolvimento artístico do período pré-histórico.

A primeira dificuldade em desenvolver ou abordar as questões estéticas na Pré-História brasileira, se encontra no tema propriamente dito, pois dentro desta perspectiva é preciso evitar noções que se associam ao fenômeno artístico contemporâneo em que a produção intencional, a circulação e o consumo de certos bens obedecem, podendo assim, classificá-las como objetos artísticos, artistas ou colecionador de arte. Para Meneses:

Ao se referir à 'arte' e à 'atividade artística' das culturas que, das origens até o contato regular com os europeus, no século XVI, habitaram o território hoje correspondente ao da República Federativa do Brasil, é comum a literatura arqueológica mencionar três categoria privilegiada: as pinturas rupestres, os adornos e as formas e motivos decorativos de diversos tipos de artefatos (MENESES, 1983, p. 190).

Com isso, podemos entender que os relatos pré-históricos brasileiros se limitam basicamente nessas três categorias já que pelo fato de grande parte do país, por sua situação tropical, está sob o domínio de clima úmido e quente, torna muito difícil a preservação de material orgânico: fibras, madeiras e pele. Dessa forma, o que constitui o núcleo de nossa documentação arqueológica, são objetos de pedra e barro e em menor quantidade de ossos (dentes) e conchas, além, claro, dos testemunhos rupestres.

Podemos dizer que não há região do território brasileiro que não apresente em abundância manifestações rupestres ou, podemos dizer, manifestações artísticas do período pré-histórico brasileiro, com exceção do Litoral. As pinturas são mais frequentes do que as gravuras e ambas as categorias podem encontrar-se associadas. As tentativas para se mostrar maior antiguidade para uma ou outra técnica não são convincentes. As pinturas são obtidas com pigmentos, na sua maioria de origem mineral (óxido de ferro, para o vermelho, a cor mais difundida), secundariamente vegetal (urucum, genipapo e carvão). A execução se fazia com pincel de fibras ou dedo. As gravuras

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

são produzidas por picoteamento ou fricção e, obrigatoriamente, sendo um processo mais demorado e exaustivo.

A resultante da arte pré-histórica hoje analisada a luz da Arqueologia, resultou na criação dos conceitos básicos para definir o nosso objeto de estudo. Assim, buscamos as seguintes definições:

- A. O que é uma tradição rupestre?** – É caracterizada por apresentar os horizontes culturais de um dado grupo humano, ou seja, determinados traços capazes de identificar aquele grupo étnico (SANTOS, 2007). Para Gabriela Martin (2005, p. 290) o termo tradição rupestre significa “um complexo sócio-cultural em que determinados grupos étnicos se desenvolveram”.
- B. O que é uma subtradição rupestre?** – De acordo com Gabriela Martin (2003, p. 4), uma subtradição de arte rupestre pode ser caracterizada “... como o grupo desvinculado de uma tradição e estabelecida noutra área geográfica em condições ecológicas diferentes que implica a presença de elementos gráficos novos...”.



Dessa forma, os sítios arqueológicos de arte rupestre, da tradição Itacoatiara, na Paraíba, apresentam-se, desde o sistema ecológico onde estão inseridos, as suas características tipológicas, diferenças estilísticas que nos norteia a afirmarmos a existência de uma subtradição de itacoatiaras na Paraíba, a partir da Itacoatiara do Ingá, ícone da arte rupestre no Brasil.

- C. O que é um estilo de arte rupestre (registro rupestre)?** – É a maneira particular de cada sítio ou de um conjunto de sítios arqueológicos de um nicho ecológico. Aqui não definimos ainda, se existe a partir da Itacoatiara do Ingá um estilo próprio que foi utilizado para a confecção das gravuras rupestres daquele e dos outros sítios que pesquisamos. Com novas pesquisas é que, possivelmente, seremos ou não capazes de afirmarmos a existência de um estilo de gravuras rupestre para a região, já que o estilo é o maior detalhamento possível do conjunto de sítios. São as minúcias dos sítios.

### **1.3.3. Sítios Rupestres**

Os sítios rupestres sejam eles de pinturas, gravuras ou associados (pintura+gravura), usados para se traçar um perfil de um grupo ou como referencial para busca de novas tradições, subtradições e estilos, devem apresentar características particulares, como exposto a seguir. Justamente o que realizamos inicialmente em algumas regiões da Paraíba distante 45 Km do sítio referência (base) de nossas pesquisas, no caso, a Itacoatiara do Ingá. Assim, o conceito da Associação Brasileira de Arte Rupestre (ABAR) sobre a questão em tela é contundente e se encaixa no que ora discutimos e trabalhamos:

Um sítio de referência deve ser o ponto de partida; os registros rupestres de outros sítios da área geográfica de influência serão a continuação lógica da pesquisa e o estudo do contexto arqueológico significará o conhecimento do entorno físico e social em que viveram os grupos humanos que habitaram a área. Assim, não se discrimina a arte parietal do seu contexto que deve ser estudada arqueologicamente como mais uma manifestação da atividade humana (ABAR, 2014, p. 2).

A Arqueologia nos seus passos iniciais trabalhava em grande medida a ideia de “apenas” descrever o que era encontrado nos locais prospectados, sem, no entanto, procurar explicar ou ao menos buscar algum tipo de explicação, cabendo então ao historiador a tarefa de formular teorias explicativas, a partir dos dados coletados pelo arqueólogo.

Seguindo a “lógica” de todos os processos e coisas, a Arqueologia também “evoluiu” passando de um modelo descritivo, para um explicativo diacrônico, buscando sempre chegar a “capacidade de realizar sínteses da Arqueologia de determinada região (com o objetivo de explicar a História Antiga)” (ZAMARA, apud SANTOS, 2010).

A Arqueologia vale-se essencialmente dos vestígios deixados por povos pretéritos sob as mais diversas formas, onde a partir da análise detalhada do material encontrado pode-se formular determinada forma de entender e conceber o passado. Entretanto, “os vestígios arqueológicos não falam por si só, necessitam de questionamentos, de serem colocados a prova” (SANTOS 2010, p. 17).

Os meios para que se possa pensar a vida de povos distantes a muito da nossa sociedade são essencialmente a cultura material: cerâmica, artefatos, utensílios, fogueiras, urnas funerárias, ossos etc. Há também, dentro dessa perspectiva as pinturas e gravuras, testemunhos incontestes da presença de povos passados.

Para que se possa entender de forma simples o que é um sítio rupestre, seja ele de pintura ou de gravura, ou por vezes as duas formas, faz-se necessário entender as diferenças entre eles:

#### **A. Sítio pintura (Pictóglifo)**

Nesses locais, geralmente cavidades naturais, matacões etc., encontra-se dispostos em painéis de tamanhos variados, pinturas que mostram diferentes aspectos do povo que os fez. As cores são simples, e a diversidade delas é relativamente pequena (vermelho, branco, cinza, marrom, amarelo), onde geralmente predomina o vermelho. As figuras retratadas diferem quanto à forma. Em geral aparecem figuras Antropomorfas, Zoomorfas e uma infinidade de pinturas “indecifráveis”, leia-

se: não apresentam semelhança, ou fazem referência a nada que possamos fazer alguma relação.

Essa diversidade de temas, recorrentes, isolados, levou os arqueólogos a dividirem-na em tradições, como a Nordeste e a Agreste, que por sua vez podem ser subdivididas em subtradições, dependendo da semelhança que guardem entre si, como já visto anteriormente.

## **B. Sítio gravura (Pectróglifo)**

De maneira geral, podemos definir um sítio arqueológico como sendo de gravura, é que este, ao contrário de um sítio com pinturas, não foi feito utilizando pigmento algum.

Sítio gravura é um local onde podemos ver traços da passagem do homem primitivo através das marcas que deixaram nas pedras. Essas marcas diferem quanto à forma como foram feitos, como também pelo material e técnica utilizada.

As formas conhecidas de gravuras em pedra são: meia-cana (baixo relevo), picoteamento, raspagem, alto

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

relevo, pedra de sino e as pseudo-inscrições. Quanto à técnica utilizada poderia ser o corte, a raspagem ou o simples picoteamento da pedra, as gravuras variam entre polidas e não polidas. Os instrumentos utilizados para a confecção dos desenhos são distintos e relacionam-se com o tipo de pedra trabalhada e a disponibilidade material no local, em geral, era feita com o auxílio de outra pedra arredondada ou pontiaguda, minérios de ferro, ossos etc., mas, sempre obedecendo um modelo operatório em que a pedra mais dura sempre riscará a mais mole, portanto, mais fácil de ser moldada.

Um bom exemplo de gravuras são as Itacoatieras. Esse tipo de sítio arqueológico tem como característica marcante o fato de ser encontrado no leito dos rios, em caldeirões, lagoas etc., em diversos Estados do Brasil e em todo o planeta. O mais famoso conjunto de inscrições rupestres do tipo Itacoatiara do Brasil, sem dúvida, é o da Pedra do Ingá, exuberante bloco trabalhado por povos pretéritos, que ainda hoje constitui uma verdadeira “pedra no sapato” dos arqueólogos devido a sua complexidade e da falta de

conhecimento por parte de alguns que lhe atribuem autoria extraterrestre (BRITO, 1993).

#### **1.3.4. Arqueologia na Paraíba**

O estado da Paraíba é um dos nove Estados que compõem a região do Nordeste brasileiro. A Paraíba situa-se entre os paralelos de 6º e 8º graus de Latitude Sul, e entre os meridianos de 34º e 38º graus de Longitude Oeste, sendo dessa forma incluído completamente na chamada Zona Tropical.

Esse Estado é particularmente rico quando a questão é Arqueologia. As referências a monumentos arqueológicos no território que hoje conhecemos por Paraíba remontam a um passado muito distante.

Um bom exemplo dessas referências acerca da existência de sítios arqueológicos são os que foram feitos por Carlos Frederico Hartt e por John C. Branner, onde já chamam atenção para as gravuras próximas dos rios (Itacoatiaras). O Instituto Arqueológico, Histórico e

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Geográfico de Pernambuco (IAHGP) também já fazia referências sobre a Arqueologia Paraibana no século XIX. Ao passo que haviam as citações, haviam, também, as teorias acerca da autoria das inscrições: semitas, mongóis, ignorantes, pseudocientistas, que são atribuídos à Alfredo de Carvalho e Angyone Costa.

Essa “tendência” de teorizar de forma grotesca sobre as inscrições rupestres recorrente na Paraíba, basta pensarmos as Itacoatiaras do Ingá, alvo de especulações tanto de populares quanto de pesquisadores que atribuem as inscrições a seres extraterrestres, sumerianos, gregos e assim por diante. Outro monumento que tem referências ligadas a atividades extraterrestres é a Muralha do Meio do Mundo, situada do Cariri Paraibano, a “muralha” como é conhecida pelos populares, é vista também por ufólogos como testemunho da presença extraterrestre (BRITO, 1993) (Fig. 7).

As referências no entanto, vão muito mais longe. Na época da colonização holandesa no que hoje é o Nordeste brasileiro, já havia citações acerca de inscrições



“indecifráveis”, ou como entendia o Padre Francisco Menezes nas suas andanças entre 1799 e 1806, testemunho dos tesouros deixados pelos mesmos holandeses no território da Paraíba.



**Fig. 7** – Muralha do Meio do Mundo, expoente megalítico natural na região caririzeira da Paraíba.

**Fonte:** Muralha do Meio do Mundo (2014).

Estudos e estudiosos exploraram e ainda continuam explorando, pesquisando, duvidando, preservando a Arqueologia Paraibana. Temos desde aqueles que

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

menosprezavam a capacidade intelectual dos nativos (indígenas) paraibanos, chegando a imbecilizá-los e infantilizá-los, a exemplo do já citado Angyone Costa (1943) e pessoas como Coriolano de Medeiros (1950), Anthero Pereira Junior e Clóvis Lima, viam as inscrições como “coisa de gente grande”, trabalho dispendioso demais para ser relegado a simples brincadeira de criança. Sendo assim, esses estudos e teses foram levantados ainda nas décadas de 50 e 60 do século XX.

Trazendo mais para a atualidade temos como expoentes na pesquisa arqueológica na Paraíba nomes como o da professora Ruth Trindade de Almeida (1979), que através da Universidade Federal da Paraíba proporcionou em sua obra *A Arte Rupestre nos Cariris Velhos*, uma excelente contribuição historiográfica indispensável para se pensar a questão arqueológica local. Só para citar outros autores e pesquisadores temos: Leon Clerot, Balduino Lélis, Gabriela Martin, Gilvan de Brito, Carlos A. Belarmino Alves, Zilma Ferreira Pinto etc..

Por fim, temos o grupo encabeçado pelos professores Juvandi de Souza Santos, Dennis Mota Oliveira, Juliana Carla

etc., que acompanhados de Thomas Bruno de Oliveira da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA) e Alysson Alan de Farias, Biólogo, vem desenvolvendo sólida pesquisa e publicações de obras que é de fundamental importância para o entendimento da dinâmica de funcionamento da vida dos nativos (indígenas) paraibanos e também, não menos importante, o desenvolvimento da Historiografia a respeito do tema ainda pouco explorado.

As pesquisas desse grupo abrangem um grande número de sítios e tradições arqueológicas, sendo que o principal foco das pesquisas tem sido a Pedra do Ingá e as inscrições dos municípios fronteiriços a ela e também as inscrições localizadas no chamado Cariri Velho Paraibano.

### **1.3.5. A Arqueologia no Brasil hoje**

O Brasil é um país imenso, de proporção continental, desse imenso território desde a Amazônia às Zonas Costeiras, passando pelo centro do País há uma infinidade de sítios arqueológicos que nem de longe puderam ser

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

estudados em sua totalidade, em parte pela dificuldade imposta pela própria localização dos sítios, no leito dos rios, dentro das florestas, “perdidos” dentro das caatingas e, aliado a isso, tem o fator antrópico agindo na contramão, destruindo, danificando, prejudicando as pesquisas, delegando pouca importância a um assunto de extrema importância para o entendimento do nosso passado pré-colonial e também pós-colonial.

A Arqueologia Brasileira dos dias atuais, vem expandindo seus campos de atuação, claro que o passado pré-colonial ainda gera mais interesse por parte da maioria dos pesquisadores, os sítios rupestres, os sambaquis, os cemitérios indígenas, até pela urgência de serem estudados, pois, como já foi dito, é alvo da ação predatória de pessoas que não conhecem e não lhe dão o verdadeiro valor. Por outro lado, novas formas, novos campos da Arqueologia tem atraído muitos pesquisadores, só para citar alguns exemplos: igrejas do período colonial, antigas missões, cidades e mesmo casas do período colonial e do Império. constituem campo para pesquisas com às mais diversas finalidades (SANTOS, 2014).

Há também novíssimos campos de atuação da Arqueologia Brasileira que vem sendo preenchida por muitos pesquisadores: a Arqueologia Subaquática é uma delas. Esse ramo da Arqueologia preocupa-se em estudar desde embarcações naufragadas, recuperando parte da História do Brasil da época colonial, como também estudam os sambaquis, que em consequência do aumento do nível das águas ficaram submersos. O trabalho do arqueólogo hoje em dia, vem se diversificando bastante. Por exemplo, toda obra que se pretenda construir no Brasil e que mediante laudo técnico apresente algum risco de impacto ambiental e/ou histórico, precisa, de acordo com a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA, Resolução nº 001 de 23/01/1986), ter o acompanhamento de profissionais especializados, dentre eles o arqueólogo: é a chamada Arqueologia de Salvamento ou de Contrato. Podemos mencionar ainda como novo campo da Arqueologia no Brasil, a Etnoarqueologia e a Arqueologia Militar.

Apesar de todos os esforços de pesquisadores muitas vezes ilustres anônimos que destinam boa parte de suas

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

vidas a uma pesquisa, ao salvamento de um monumento, a criação de um parque, de uma unidade de conservação, a Arqueologia ainda é um campo que desperta pouco interesse por parte da maioria dos brasileiros, em grande medida pela cultura do próprio povo brasileiro de não dar muita importância a questão histórica e por tabela à pré-histórica e, também, pela pouca divulgação dos resultados das pesquisas, visto que não despertam o interesse das grandes Editoras por não “venderem” bem, dessa forma, os estudos arqueológicos e suas empolgantes descobertas ficam muitas vezes restritos a um pequeno número de pessoas ligadas as Academias, intelectuais e pesquisadores estrangeiros.

No entanto, uma luz vem se colocando na frente de nossos ilustres pesquisadores através do Governo Federal, por meio das Universidades e de entidades como o CNPq, Capes, PROPESQ etc., órgãos de fomento às atividades de pesquisa, não só no campo da Arqueologia. Temos também a participação/financiamento por parte de empresas privadas em algumas pesquisas, talvez em consequência do mercado por empresas com responsabilidade ambiental, e/ou

socialmente engajadas com a preservação do patrimônio histórico e pré-histórico.

O campo arqueológico brasileiro é diversificado, amplo e oferece oportunidade a quem se dispor a estudá-lo, visto que a nossa riqueza a esse respeito é muito grande e encontra-se ainda relativamente pouco explorada, ao passo que é urgente o estudo, a conscientização e principalmente a preservação dos achados, pois são eles que no presente ou no futuro nos fornecerão os meios de entender uma grande parte do nosso passado.

## **2. METODOLOGIA TRABALHADA NA PESQUISA**

### **2.1. ETAPAS DO PROJETO: Identificação e descrição dos sítios arqueológicos da Tradição Itacoatiara**

#### **1º ETAPA:**

- Contato com as prefeituras locais para angariar informações acerca da existência de sítios arqueológicos nos respectivos municípios de abrangência do projeto;

#### **2º ETAPA:**

- Saídas a campo. Em posse das informações obtidos na 1º etapa, a equipe deslocava-se até as supostas áreas para realizar as devidas atividades cadastrais dos sítios, como: medições, plotagem, filmagens, estudo do entorno, desenhos, fotografias, e atividades de Educação Patrimonial;



### **3º ETAPA:**

- Análise dos materiais e as devidas atividades comparativas entre as Itacoatiaras identificadas nos municípios da área de estudo e a Itacoatiara do Ingá.

Ao final, foi elaborado um minucioso relatório com os resultados obtidos, sugerindo ou não a existência de uma subtradição de Itacoatiaras para a região. O relatório foi encaminhado a PRPGP/UEPB, pois o referido projeto recebeu apoio financeiro/institucional do PROPESQ/UEPB – cota: 2011-2014.

## **2.2. Metodologia e discussão das ações desenvolvidas**

A pesquisa de campo foi realizada, primeiramente, na obtenção de informações sobre a existência de sítios arqueológicos, paleontológicos e espeleológicos na região de estudo, se utilizando de fontes bibliográficas, arquivos

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

municipais e entrevistas com moradores de áreas rurais. Estabelecido um roteiro de sondagens, fomos a campo utilizando motocicleta para identificar as supostas ocorrências e, quando se tratavam de ocorrências verídicas, realizávamos o levantamento através de medidas, fotografias, plotagem, filmagens, estudo do entorno, localização por GPS e desenhos. Nossa pesquisa atendeu apenas as duas primeiras etapas previstas no projeto, recolhimento de dados que será fundamental para enquadrar nos estudos posteriores de prospecções, salvamentos, escavações arqueológicas (sondagens) destes lugares.

### **2.2.1. Educação Patrimonial**

A Educação Patrimonial e medidas de contenção de destruição deste legado cultural compreendido na área de estudo foram realizadas mediante autorização das escolas ou professores responsáveis pelas excursões escolares à Pedra do Ingá. As palestras foram realizadas com aula

expositiva e auxílio didático, data show, réplicas de instrumentos líticos pré-históricos (nas salas de aula) e estrutura de museu (nas aulas na Pedra do Ingá). As palestras sempre enfatizando a importância dos sítios arqueológicos e a necessidade de se preservar estes locais e todos os estudantes envolvidos receberam cartilha educativa (Fig. 8).



**Fig. 8** – Atividade de Educação Patrimonial durante as atividades de pesquisas do projeto.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

**2.2.2. Características observadas nos sítios prospectados para as diversas comparações e sugestões, ou não, de uma subtradição de Itacoatiara na Paraíba.**

1. Presença de capsulares;
2. Sulcos desordenados em painéis;
3. Sulcos ordenados em painéis;
4. Posicionamento dos painéis e do bloco suporte em cursos d'água ou próximos a eles;
5. Formas curvas das gravuras rupestres;
6. Pontos gravados ordenadamente, dando impressão de linhas de contagens;
7. Pontos gravados desordenadamente;
8. Denso preenchimento dos painéis;
9. Técnicas observadas na confecção das gravuras rupestres: picoteamento, raspagem e baixo relevo (meia cana) e polimento;

10. Semelhanças de grafismos com as do Ingá (epicentro ou sítio referência dos nossos estudos), no tocante a repetição de gravuras.

### 3. RESULTADOS

No item localizar, identificar e registrar outros sítios arqueológicos na área prospectada e mapear as outras detentoras de monumentos arqueológicos da área de estudo, especialmente as Itacoatiaras, em atividades de prospecção localizamos, identificamos e registramos **dezenove (19)** ocorrências da tradição Itacoatiara no entorno da área de estudo. Estando todas elas dentro dos padrões estilísticos, técnicos e gráficos presentes na Pedra do Ingá. E como exaurimos todas as informações que nos foram dadas pelos órgãos municipais e setores civis, acreditamos que nosso cadastramento alcançou o máximo de número possível de sítios arqueológicos na área, especialmente os da tradição Itacoatiara de arte rupestre, para realizarmos as devidas análises comparativas com os grafismos do Ingá para, subsidiarmos ou não, a existência de uma subtradição de Itacoatiaras para a região;

No item desenvolver atividades de Educação Patrimonial nas escolas públicas e comunidades rurais da área de estudo, visando estabilizar o atual processo de destruição do patrimônio cultural no Estado e contribuir para o conhecimento do processo de evolução cultural dos grupos pretéritos que ocuparam os Sertões da Paraíba, realizamos três palestras, sendo uma realizada no dia 16/10/2011 na Escola Estadual José Rodrigues de Ataíde, município de Itatuba, para os alunos do Ensino Fundamental; a outra foi realizada no dia 18/10/2011, na Escola Municipal Maurino Rodrigues de Andrade, município de Itatuba, juntamente aos alunos do Ensino Fundamental; e a outra realizada no dia 30/10/2012 na Escola Estadual José Rodrigues de Ataíde, município de Itatuba, para os alunos do Ensino Fundamental. Aproveitando das atividades desenvolvidas no Parque Arqueológico Pedra do Ingá, estendemos a ação de Educação Patrimonial para as inúmeras caravanas estudantis que frequentemente visitam a Pedra do Ingá (Fig. 9).

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?



**Fig. 9** – Estudantes que frequentam a Pedra do Ingá.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Durante esta atividade de Educação Patrimonial, distribuimos para os alunos participantes uma Cartilha Educativa (SANTOS, 2011), gratuita, produzida pelo Laboratório de Arqueologia e Paleontologia da UEPB (LABAP/UEPB).

Poucas pessoas têm noção da importância dos sítios arqueológicos como patrimônio da humanidade e, por isso,



destroem ou desdenham de tais ocorrências. Por isso, nossas atividades de campo e de Educação Patrimonial vieram no sentido de alertar para a importância destes lugares e da preservação destes bens comuns. cremos que, depois destas nossas atividades, as comunidades estudantis do Ingá e região, bem como os moradores das zonas rurais das proximidades dos sítios arqueológicos estudados, adquiriram uma nova forma de ver estes lugares como patrimônio a ser guardado e preservado para que estudos venham possibilitar o conhecimento do processo de evolução cultural dos grupos pretéritos que ocuparam os Sertões da Paraíba.

### **3.1. Identificação dos sítios localizados/trabalhados na área de pesquisa**

A Tabela 1 traz a localização e os pormenores dos sítios arqueológicos trabalhados nesta etapa do projeto de pesquisa.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

<b>Ordem</b>	<b>Nome sítio</b>	<b>Coordenadas geográficas do sítio</b>	<b>Localidade/ município do sítio</b>	<b>Tipologia</b>
01	Poço do Sapateiro	L.S. 07°19'35.4" L.O. 35°33'69.2"	Comunidade Acarí, zona rural do município de Mogeiro	Gravura
02	Lajes	L.S. 07°20'47.8" L.O. 35°39'23.9"	Serra do Gentio, zona rural do município de Itatuba	Gravura
03	Batentes I	L.S. 07°20'71.9" L.O. 35°39'10.2"	Localidade Batente, zona rural do município de Itatuba	Gravura
04	Batentes II	L.S. 07°20'85.6" L.O. 35°39'20.0"	Localidade Batente, zona rural do município de Itatuba	Gravura
05	Cachoeirinha	L.S. 07°33'54.3" L.O. 35°56'23.4"	Zona rural do município de Itatuba	Gravura
06	Cachoeira do Caldeirão	L.S. 07°01'55.8" L.O. 35°47'55.0"	Riacho Ribeiro, zona rural do município de Esperança	Gravura
07	Itacoatiara dos Macacos	L.S. 07°24'61.8" L.O. 35°49'76.2"	Fazenda de João Bezerra, zona rural do município de Queimadas	Gravura
08	Pedra da Torre	L.S. 07°15'33.9" L.O. 35°47'10.3"	Fazenda Torre, zona rural do município de Riachão do Bacamarte	Gravura e Pintura
09	Furnas do Amaragi	L.S. 07°07'67.0" L.O. 35°56'23.4"	Sítio Amaragi, zona rural do município de Lagoa Seca	Gravura

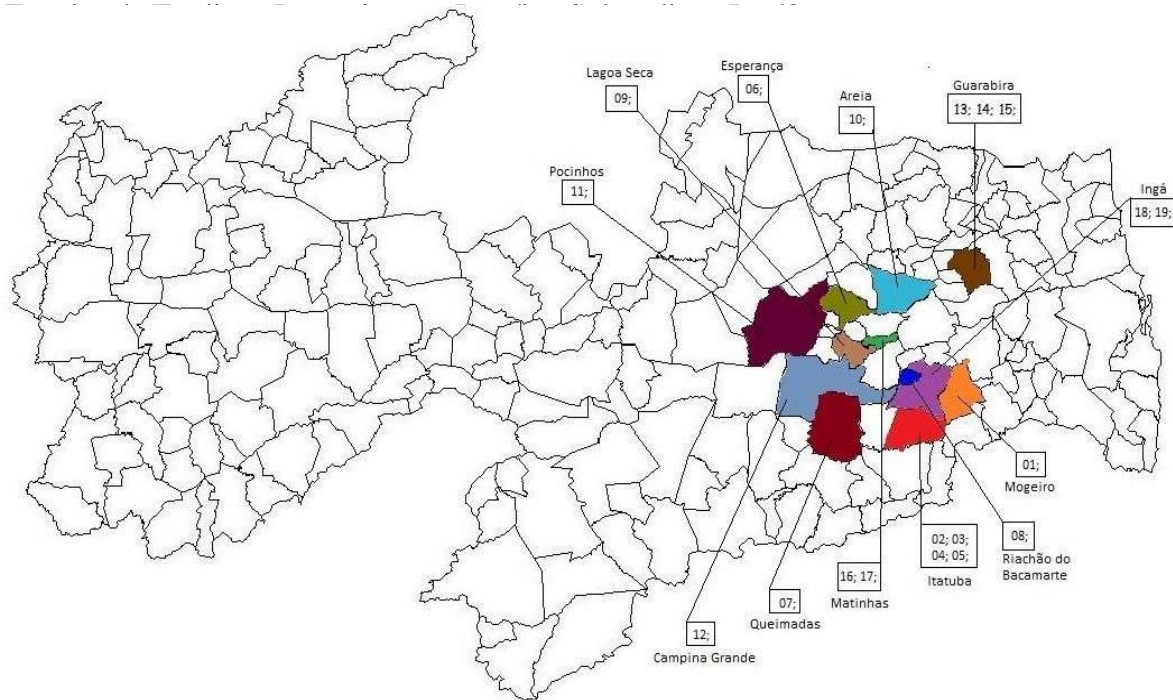
10	Mata Limpa	L.S. 06°25'65.0" L.O. 35°20'66.5"	Sítio rio do Campo, zona rural do município de Areia	Gravura
11	Corta Dedo	L.S. 07°08'17.3" L.O. 36°10'17.0"	Zona rural do município de Pocinhos	Gravura
12	Itacoatiara do Estreito	L.S. 07°16'53.6" L.O. 36°01'10.3"	Localidade estreito, zona rural do município de Campina Grande	Gravura
13	Pedra da Viola I	L.S. 06°52'33.8" L.O. 35°25'42.9"	Sítio Maciel, zona rural do município de Guarabira	Gravura
14	Pedra da Viola II	L.S. 06°52'60.0" L.O. 36°25'65.2"	Sítio Maciel, zona rural do município de Guarabira	Gravura
15	Pedra da Viola III	L.S. 06°53'69.0" L.O. 35°38'18.8"	Sítio Maciel, zona rural do município de Guarabira	Gravura
16	Pedra da Furna I	L.S. 06°08'15.6" L.O. 35°10'16.1"	Sítio Geraldo de Cima, zona rural do município de Matinhas	Gravura
17	Pedra da Furna II	L.S. 07°08'14.6" L.O. 36°10'01.4"	Sítio Geraldo de Cima, zona rural do município de Matinhas	Gravura e Pintura
18	Pedra da Lua	L.S. 07°12'18.2" L.O. 35°37'39.6"	Povoado Chã dos Pereiros, zona rural do município do Ingá	Gravura
19	Itacoatiara do Ingá	L.S. 07°13'29.4" L.O. 35°35'52.6"	Zona rural do município do Ingá (SÍTIO REFERÊNCIA)	Gravura

**Tabela 1-** Sítios arqueológicos identificados e trabalhados durante as atividades de pesquisas.

**OBS.:** – No decorrer das atividades identificamos treze (13) sítios com pinturas rupestres, além dos dois (02) referendados neste trabalho por apresentar, também, gravura rupestre, foram identificadas e realizadas as devidas atividades de tombamento junto ao IPHAN Nacional. No entanto, não foram aqui apresentados por não ser meta principal desta pesquisa. Foi identificado dois (02) locais de ocorrências paleontológica, do tipo tanques com megafauna Pleistocênica, ambos em elevado estado de degradação antrópica.

### **3.2. Características dos sítios arqueológicos identificados**

Os dezenove (19) sítios arqueológicos identificados e trabalhados estão localizados nos municípios do estado da Paraíba apresentados na Fig. 10, que se segue:



**Fig. 10** – Localização geográfica dos sítios arqueológicos trabalhados na primeira fase da pesquisa.

**Crédito da imagem:** Thiago Santos.

**Financiamento:** PROPESQ/UEPB.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

### LEGENDA:

Sítios arqueológicos identificados e analisados por municípios:

**01. Poço do Sapateiro – Mogeiro.**

**02. Lajes – Itatuba.**

**03. Batentes – I - Itatuba.**

**04. Batentes – II - Itatuba.**

**05. Cachoeirinha - Itatuba.**

**06. Cachoeira do Caldeirão –  
Esperança.**

**07. Itacoatiara dos Macacos –  
Queimadas.**

**08. Pedra da Torre – Riachão do  
Bacamarte.**

**09. Furna do Amaragi – Lagoa Seca.**

**10. Mata Limpa – Areia.**

**11. Corta Dedo – Pocinhos.**

**12. Itacoatiara do Estreito – Campina  
Grande.**

**13. Pedra da Viola I – Guarabira.**

**14. Pedra da Viola II – Guarabira.**

**15. Pedra da Viola III – Guarabira.**

**16. Pedra da Furna I – Matinhas.**

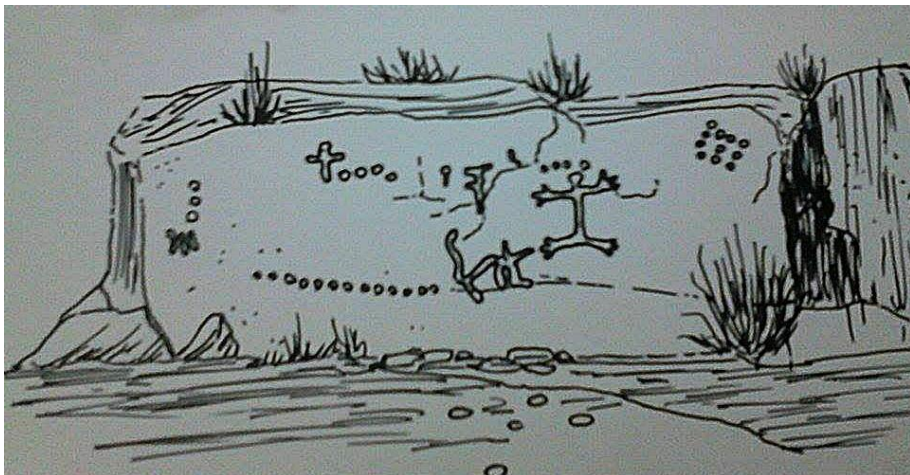
**17. Pedra da Furna II – Matinhas.**

**18. Pedra da Lua – Ingá.**

**19. Itacoatiara do Ingá – Ingá.**

### 3.2.1. As Itacoatiaras trabalhadas

#### 01. SÍTIO POÇO DO SAPATEIRO – MOGEIRO



**Fig. 11** – Desenho esquemático do sítio Poço do Sapateiro, Mogéiro, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O local prospectado encontra-se na divisa dos municípios de Ingá e Mogéiro, na localidade denominada Acarí, seguindo-se pela rodovia estadual PB-090, a cerca de 6 km da sede do município do Ingá, existe uma localidade conhecida como Gameleira, daí, segue-se 2 km por estrada de barro em condições razoáveis, chega-se então a um

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

pequeno aglomerado de casas - Acarí – o qual dista do sítio cerca de 1 km, o percurso da sede municipal (Mogeirol) até o sítio tem duração de 30 minutos.



**Fig. 12 – Gravuras rupestres do sítio Poço do Sapateiro.**

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O conjunto é formado por lajedos provenientes de erosões fluviais (caldeirões), o painel principal tem 3 metros de comprimento por 1,25 de altura, não apresenta sinais de



depredação ou vandalismo, apenas sinais da presença de populares locais, como resíduos de produtos industrializados no entorno do sitio (Fig. 12).

Com as cheias do rio Ingá ocorridas nos meses de julho/agosto de 2011, a visibilidade das gravuras ficou parcialmente comprometida. No entanto, as principais características do local puderam ser observadas: a laje é formada por erosão fluvial, o painel principal encontra-se na posição vertical e no entorno há painéis na horizontal, neles encontra-se várias figuras, todas feitas através de picoteamento superficial.

O painel principal está voltado para o Sudoeste. Nele observam-se características de polimento e coloração que o distingue do resto da pedra, sinal claro de que foi trabalhado antes de as gravuras serem feitas. De maneira geral o conjunto (painel vertical e horizontal) apresenta figuras antropomorfas e abstratas, além de muitos capsulares.

Pelas características do sitio, a forma como foram trabalhadas as gravuras, podemos relacioná-lo com a Pedra do Ingá.

## 02. SÍTIO LAJES – ITATUBA



**Fig. 13** – Desenho esquemático do sítio Lajes, Itatuba, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O Sítio Arqueológico conhecido pelo nome de Lajes fica na serra do Gentio, mas precisamente na propriedade do Sr. Luciano Raposo. Apesar de está muito próximo da sede do município de Ingá, o local fica no extremo desse município com o de Itatuba, sendo que, delimita os limites

da propriedade, delimita, também, onde termina o município de Ingá e começa o de Itatuba.

O local é relativamente de fácil acesso, dista da sede do município de Ingá de 6 km, que devem ser percorridos preferencialmente de motocicleta, devido às condições não tão boas das estradas naquele local. É em consequência disso que o percurso é feito da seguinte forma: 5 km através de motocicleta, e uma pequena caminhada em meio à mata de 1 km, até chegar ao local das gravuras.

O sítio Arqueológico Lajes fica à margem do rio Cairaré (atual Surrão). Trata-se de um lajedo em gnaiss em meio o leito do riacho. No afloramento, forma-se um tanque natural que retém água durante todo o ano. O tanque, de aproximadamente 100m<sup>2</sup>, apresenta pouca profundidade (BRITO, 2008). A “Laje”, local onde estão as principais gravuras tem 100 m de comprimento por 50 de largura, compreendendo uma área de aproximadamente 1500m<sup>2</sup>, por ser um local muito bonito com o rio correndo praticamente todo o ano. Esse sítio é bastante conhecido pelos habitantes locais e pelas pessoas dos municípios vizinhos que se deslocam até o local para a prática de

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

banhos no rio e também para o consumo de bebidas alcoólicas, o que talvez, explique os resíduos encontrados no local, bem como, o vandalismo praticado próximo as gravuras, onde foram entalhados nomes de pessoas e outros símbolos.

A vegetação do local é muito bem preservada, destoando, inclusive, das paisagens vizinhas que em sua maioria apresentam uma vegetação rasteira, apresentando grandes árvores que proporcionam uma bela interação com as águas do rio Surrão.

O bloco principal de gravuras apresentam diversos motivos de inscrições: muitos capsulares agrupados e dispersos, zoomorfos, cosmogônicos (representação de astros, sóis, estrelas). Porém, há um fator que dificulta a visualização de mais detalhes: é a questão da luminosidade, segundo o pesquisador Dennis Mota, é preciso observar durante todo um dia para podermos visualizar todas as gravuras em sua beleza e complexidade. Um pouco mais abaixo das gravuras acima citadas existem dois outros pequenos painéis que impressionam pelo tamanho e beleza, parecendo, à primeira vista, uma versão diminuta de um

grande painel com a presença de antropomorfos e capsulares. Eles encontram-se um em frente ao outro onde a divisão é feita por uma fresta pela qual desce um filete de água do rio, os dois pequenos painéis medem 110m de comprimento por 80 cm de largura e o outro mede 110m por 50 cm de largura (Fig. 14).



**Fig. 14** – Gravuras rupestres do sítio Lajes, Itatuba.

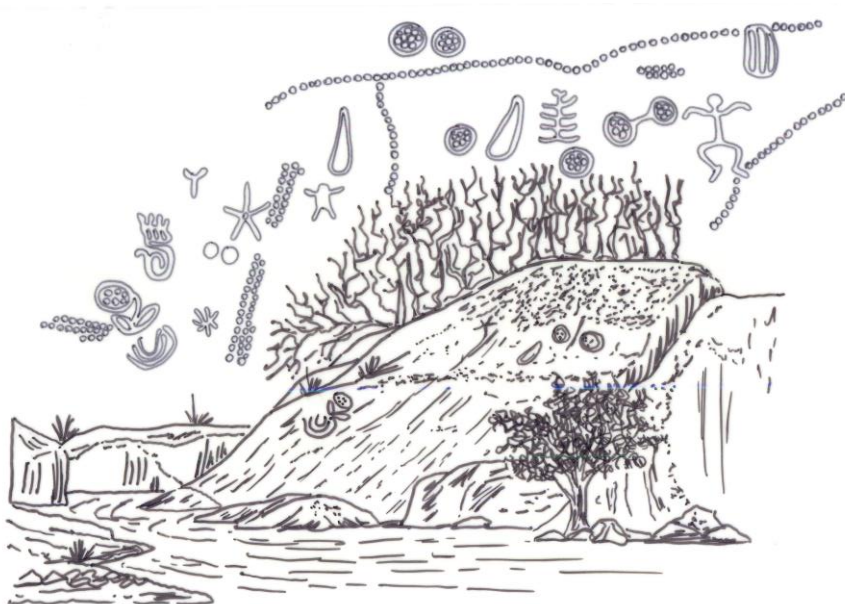
**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Outro aspecto interessante com relação ao sítio arqueológico Lajes é que há exemplo das pátinas, encontradas também nas pinturas rupestres. Este, uma Itacoatiara, também sofre uma ação parecida, o lodo (sedimento formado pela passagem da água), penetra na pedra e se “solidifica” pela ação do Sol. Quando ocorrem novas “cheias”, os resíduos novamente penetram na pedra e com o passar do tempo, e a repetição incessante desse processo, no local que havia gravura, passa haver apenas uma crosta sólida que impossibilita a visualização desta. Essa mesma cheia que, ora encobre uma gravura pela ação de resíduos ou por bancos de areia que se formam ao longo do rio, ora proporciona a visualização de outras tantas gravuras que por esse mesmo motivo estavam encobertas. Por fim, cabe mencionar que as gravuras do sítio Lajes foram feitas seguindo a técnica do picoteamento superficial, onde algumas apresentam sinais de polimento e outras não e, também, a degradação natural sofrida por algumas gravuras que se oxidaram pela ação de fatores naturais.

No geral, as gravuras rupestres identificadas se assemelham aquelas encontradas nas Itacoatiaras do Ingá.

### **03. SÍTIO BATENTES - I - ITATUBA**



**Fig. 15** – Desenho esquemático do sítio Batentes I, Itatuba, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Descendo rio Surrão abaixo acerca de 500 metros de distância do sítio Lajes, mais ainda dentro do mesmo complexo, chega-se ao local denominado pelos moradores e frequentadores do local, de Batentes. Esse sítio pertence ao

mesmo proprietário do sítio Lajes, o Sr. Luciano Raposo, porém, fica dentro de outro cercado, este diferentemente do que abriga “as Lajes”, é bastante desmatado com a presença de pasto destinado a criação de bois e cavalos. Entretanto, nesse sítio não percebemos a mesma presença da ação antrópica que evidencie depredação ou resíduos no local das inscrições.

A Laje do sítio Batentes I, mede 10 metros de comprimento por 9m de largura, e como já foi dito encontra-se em razoável estado de conservação, até pelo fato das águas do rio não alcançarem com facilidade o local específico das inscrições. As gravuras aí encontradas são especialmente interessantes. Primeiro: o local foi trabalhado em três etapas antes das inscrições serem feitas, ou seja, raspagem, picoteamento e polimento, fato que não se observa no sítio Lajes, ao menos em sua totalidade; segundo: pela presença de figuras muito interessantes do ponto de vista visual, não que as outras não o sejam, além de capsulares agrupados e dispersos, zoomorfos, cosmogônicos, há um antropomorfo muito interessante, que pela maneira como foi representado dá a ideia de



movimento, característica não muito comum nesse tipo de gravura. As inscrições encontram-se de frente para o Leste. No entorno desse sítio encontram-se dispersos ao longo do rio algumas outras gravuras que não chegam a formar um painel considerável, no máximo há alguns capsulares, não muito representativos (Fig. 16).



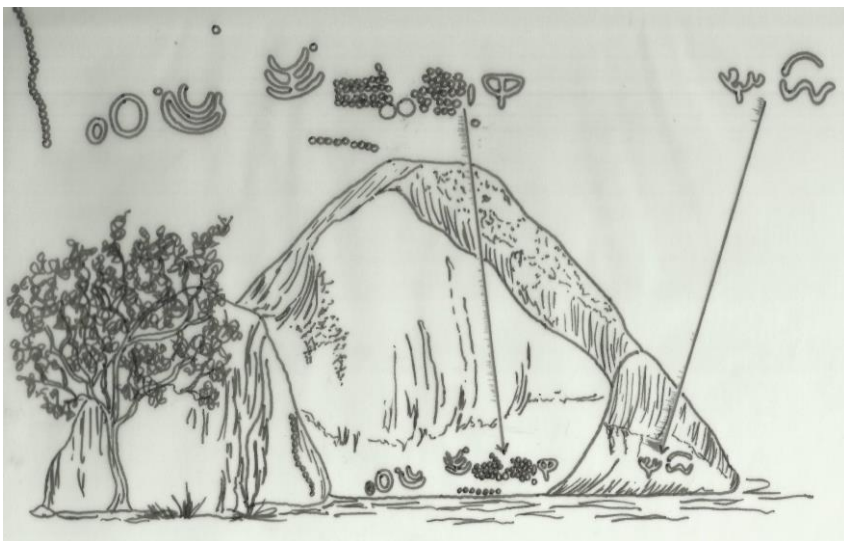
**Fig. 16** – Gravuras rupestres do sítio Batentes I.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

No geral, as gravuras rupestres identificadas se assemelham em tudo àquelas encontradas nas Itacoatiaras do Ingá.

### 04. SÍTIO BATENTES – II – ITATUBA



**Fig. 17** – Desenho esquemático do sítio Batentes II, Itatuba, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Descendo um pouco mais o rio Surrão, a cerca de 100m de distância do sítio Batentes I, chega-se ao local denominado por Dennis Mota, de Batentes II, ai sim, temos um painel significativo, e que, segundo o mesmo Dennis Mota, as inscrições desse local nem sempre estão visíveis já que o local onde foram feitas é um grande bloco dentro do rio onde a sua base fica encoberta pela areia, esse bloco mede 4m de altura por 3m de comprimento.

O bloco apesar de ter uma face consideravelmente grande, curiosamente não foi trabalhado em sua maior face, as inscrições desse local se localizam quase que em sua totalidade na base da pedra, acreditamos que possam haver mais inscrições na parte ainda encoberta pela areia, há sinais na pedra que nos levam a acreditar nisso, as outras inscrições que existem nesse bloco encontram-se no topo do mesmo, porém, são em números reduzidos, compostos de capsulares dispersos e de visibilidade prejudicada, o local onde foram feitas também é pequeno e não muito propício para as gravuras já que é muito irregular.

Nesse local a exemplo dos já citados, são encontrados gravuras de capsulares, zoomorfos alguns sem muita

possibilidade de “comparação” plausível, gradeados e outros dispersos. O diferencial desse local é que à medida que nele também se encontram o mesmo material encontrado no sítio Lajes, resultado da ação das águas do rio, que com o decorrer do tempo acabam por impossibilitar a visibilidade das inscrições. No sítio Batentes II, temos uma peculiaridade: as inscrições e o seu entorno foram envolvidos por uma camada de coloração escura que torna mais visível os detalhes das gravuras mesmo que observadas de uma distância razoável (Fig. 18)



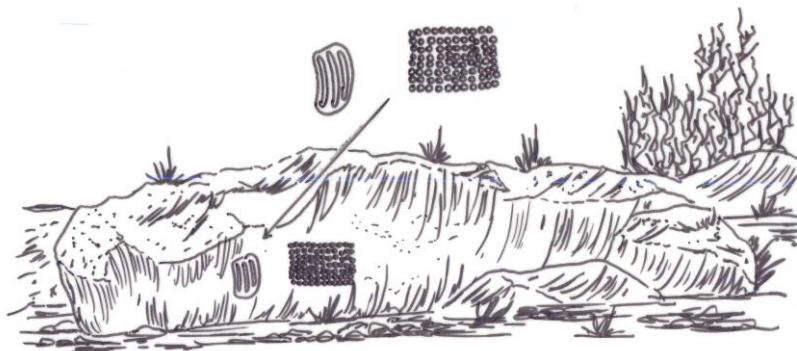
**Fig. 18** – Gravuras rupestres do sítio Batentes II.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Nos últimos anos a estadia em alguns dos sítios acima citados tem sido dificultada pela presença de pessoas, que como já foi dito se dirigem ao local para a prática dos banhos no rio, o uso de bebidas alcoólicas e por vezes as confusões, principalmente aos fins de semana ou quando o rio “dá cheia”.

De forma geral, no sítio Batentes II, foi identificado gravuras rupestres que se assemelham as encontradas na Itacoatiara do Ingá.

## **05. SÍTIO CACHOEIRINHA - ITATUBA**



**Fig. 19** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Cachoeirinha, Itatuba, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Partindo de Itatuba são aproximadamente 15 km até o sítio. Segue-se pela estrada que leva a barragem de Acauã, cerca de 4 km da cidade há uma bifurcação nas estradas que levam a Acauã (esquerda) e a cidade de Aroeiras (direita).

Este sítio foi primeiramente referenciado pelo pesquisador Lúcio José de Farias Monteiro que o descobriu por acaso durante algumas visitas que fazia como enfermeiro na zona rural de Itatuba. Em 2009, uma equipe formada pelo representante do IPHAN, Onésimo Santos, O professor Pós Dr. Juvandi de Souza Santos e os Pesquisadores Lúcio José de Farias Monteiro e Dennis Mota Oliveira estiveram no local para colher algumas informações e fazer algumas fotografias do local. Este sítio encontra-se atualmente submerso na barragem de Acauã, só sendo possível visualizá-lo em período de grande estiagem. O interessante é quando da construção da barragem de Acauã, no EIA/Rima elaborado, o sítio não foi referenciado, no que questionamos a qualidade dos serviços prestados pela empresa que elaborou o diagnóstico.

Trata-se de um afloramento de granito no leito do rio Paraibinha, afluente do rio Paraíba e está localizado a 18 km

de Itatuba, na localidade rural conhecida como sítio Cachoeirinha. No local, formam-se caldeirões e acumulam-se grandes blocos de pedra que formam corredeiras e poços. Este sítio é pouco conhecido e apresenta grande dificuldade de ser estudado por conta de permanecer a maior parte do tempo submerso sob as águas da Barragem de Acauã. Não bastasse isso, nos períodos de inverno com as fortes enxurradas o processo de assoreamento do rio vem enterrando o sítio sob camadas de areia e cascalhos de pedra, no que dificulta ainda mais a identificação dos registros e a localização da rocha suporte. O único painel encontrado neste sítio é formado por gravuras monocromáticas apresentando apenas um conjunto de pontos capsulares agrupados em forma retangular e um gradeado, a coloração avermelhada da rocha oferece destaque para as gravuras levemente picoteadas. Este local não sofreu com o vandalismo, mas o estado de conservação das gravuras é ruim devido às fortes cheias que jateiam a areia contra as rochas, acelerando assim, o processo de desgaste natural do monumento. A cada ano nota-se que o nível da areia que está assoreando o leito do rio está aumentando em pelo menos

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

um metro, dependendo dos índices pluviométricos da região.



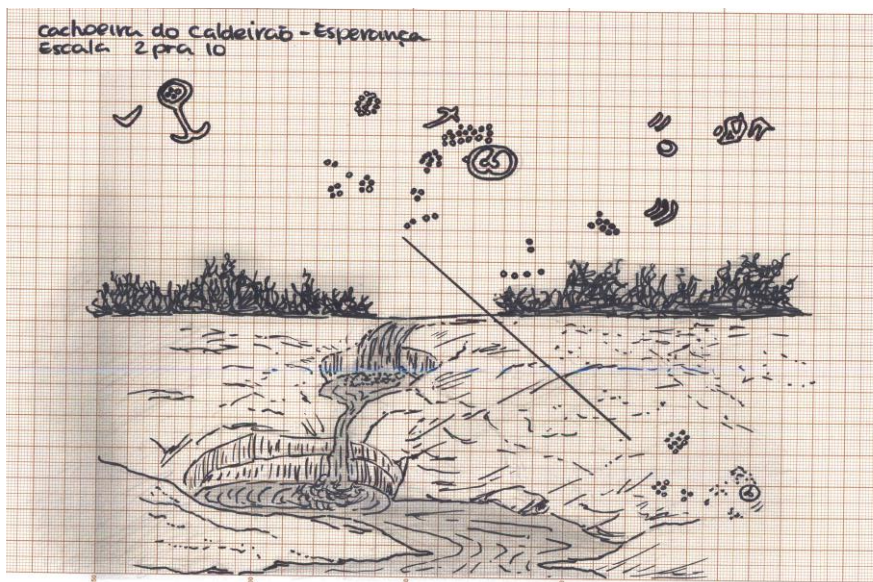
**Fig. 20** – Gravuras rupestres do sítio Cachoeirinha.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Especialmente pela presença de capsulares, este sítio muito se assemelha ao do Ingá.



## 06. CACHOEIRA DO CALDEIRÃO – ESPERANÇA



**Fig. 21** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Cachoeira do Caldeirão, Esperança, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O sítio arqueológico Cachoeira do Caldeirão fica aproximadamente 12 km do centro da cidade de Esperança, no Brejo Paraibano. A estrada que dá acesso ao citado sítio é conhecida como estrada de Camará, em razão da mesma ter o seu ponto final na barragem do mesmo nome, na divisa dos municípios de Esperança, Alagoa Nova e Alagoa Grande,

também no Brejo Paraibano. Nos meses em que as chuvas não são tão abundantes a estrada é perfeitamente transitável, no entanto, com as chuvas, ela rapidamente se transforma em um local de difícil locomoção, devido à lama e aos inúmeros buracos formados pela própria circulação de automóveis e pessoas.

Uma vez superadas as dificuldades de acesso chega-se a casa da proprietária do local onde estão dispostas as gravuras, a senhora Jacinta Maria dos Santos, herdeira de José Adelino dos Santos, segundo a mesma um antigo morador do local. O local do sítio pertencente à senhora Jacinta Maria e tem aproximadamente 18 hectares de extensão, que englobam parte do riacho Ribeiro, assim como o lajedo onde estão dispostas as inscrições, a exemplo do sítio arqueológico. A própria localidade também é conhecida como sítio Caldeirão, em razão do belíssimo monumento em forma de caldeirão formado pela ação das águas do riacho Ribeiro no lajedo pétreo.

Partindo da casa da senhora Jacinta Maria, através de um pequeno declive, chega-se a uma antiga cervejaria e a um campo de futebol, ambos desativados e em acelerado

processo de deterioração. Esse local fica aproximadamente 450 metros da referida casa, um pouco mais adiante, 50 metros à frente chega-se então ao lugar que dá nome a localidade. Trata-se de um lajedo em gnaiss, com aproximadamente 130 metros de comprimento e cerca de 30 de largura, sob o qual corre o riacho Ribeiro, que nos meses chuvosos mostra-se especialmente bonito formando pequenas cachoeiras ao longo do lajedo, assim como pequenos e diversos reservatórios.

O local é bastante verde, com árvores de porte médio entre 10 e 15 metros de altura, bastante numerosas, que se observadas do alto da casa da proprietária assemelha-se a uma pequena “mata” (floresta de porte médio).

As gravuras propriamente ditas encontram-se dispostas na parte mais alta do grande lajedo, próximas ao “caldeirão” encravado na pedra, que se encontra parcialmente encoberto, devido ao aumento das águas do riacho, que, aliás, corre praticamente quase todo o ano desaguando no rio Mamanguape, já que a região do Brejo, diferente de outras regiões do Estado, tem um clima

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

diferente, úmido e condicionante para que tais rios não permaneçam inteiramente secos.

Ao lado esquerdo do referido caldeirão encontra-se a maior das gravuras do local, trata-se de um círculo contendo ao centro dois capsulares, unidos por uma haste que convergem numa espécie de lua crescente, assemelhando-se também a uma âncora.



**Fig. 22** – Gravuras rupestres do sítio Cachoeira do Caldeirão.

**Crédito da imagem:** Thomas Bruno Oliveira

Observa-se também uma série de capsulares, uns agrupados, outros dispersos, um pequeno gradeado, algumas figuras que novamente se assemelham a uma lua crescente, um círculo menor contendo no interior outro ainda menor e com um capsular ao centro (Fig. 22).

Concluindo a descrição do painel temos outra gravura, um círculo perfeito com uma ramificação interna que converge novamente, na formação de dois capsulares, praticamente idênticos no tamanho.

As gravuras encontram-se todas do lado esquerdo do curso d'água, realizadas através da técnica de meia-cana. Podemos perceber também que provavelmente haviam mais gravuras, mas, como foi dito, o riacho é praticamente intermitente, o que, sem dúvida, contribuiu para a degradação natural das gravuras. Observa-se ainda, uma espessa camada de lodo que chega a cobrir a maior das gravuras do local, não chegando, no entanto, a danificar as demais gravuras que estão perfeitamente visíveis e não coincidem com o curso do riacho. Na parte de baixo do grande lajedo, ainda do lado esquerdo, forma-se um pequeno reservatório, sombreado por árvores bastante

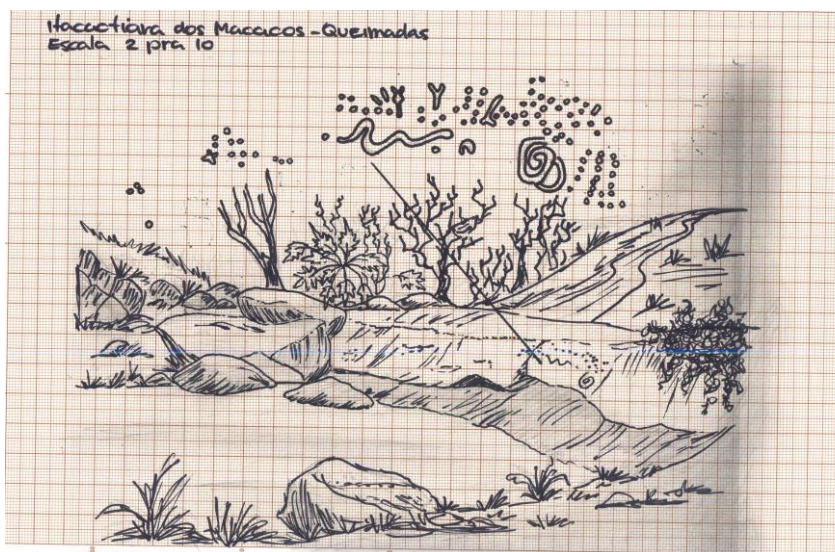
## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

altas, há também uma grande pedra que “divide” o reservatório do restante do curso d’água do riacho Ribeiro.

Em conversas com moradores locais nos foi informado que, quando do funcionamento da cervejaria e do campo de futebol, o local era bastante visitado, e certamente as gravuras figuravam como um atrativo às atividades comerciais aí desenvolvidas. Hoje, no entanto, o local não recebe muitas visitas, fato que talvez explique a falta de lixo e deprecação do patrimônio, como é tão comum observar em outros sítios. As atividades que podem ser observadas no entorno são a agropecuária extensiva, alguns roçados tradicionais e especial destaque para as plantações de laranja, muito comum na área rural do município de Esperança, sem, contudo, mostrarem-se nocivos à preservação do sítio.

No geral, o sítio apresenta gravuras rupestres que se assemelham as existentes na Itacoatiara do Ingá.

## 07. ITACOATIARA DOS MACACOS – QUEIMADAS



**Fig. 23** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Itacoatiara dos Macacos, Queimadas, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O município de Queimadas é composto de sede e uma porção de pequenos sítios, um desses sítios, o Macacos, encontra-se acerca de 10 km da sede municipal, sentido município de Fagundes, esse município, inclusive engloba uma parte do citado sítio, o local como um todo é bem

habitado, há de se considerar que Queimadas têm um bom número de habitantes residindo na zona rural.

No sítio Macacos (de Queimadas) encontra-se um bom exemplo de gravura rupestre em bom estado de conservação e, praticamente inexplorado, conseqüentemente, pouco citado em referências bibliográficas acerca da atividade arqueológica local. As gravuras foram catalogadas inicialmente pelos alunos do município de Queimadas, integrantes de um projeto denominado Programa de Conscientização Arqueológica (PROCA). Tal projeto tinha o intuito de catalogar gravuras, pinturas e outros elementos representativos da presença do homem “nordestino” de épocas passadas.

Nesse período, fim da década de 80 e início dos anos 90 do século XX, o PROCA obteve êxito em suas andanças. No período foram catalogados outros sítios além da Itacoatiara dos Macacos. Hoje em dia, sabe-se que o município de Queimadas é riquíssimo tanto em gravura como em pintura rupestres. No entanto, também é necessário ressaltar que alguns sítios encontram-se em estado bastante precário, a



exemplo da conhecidíssima Pedra do Touro. No local é nítida a ação de vândalos e os danos são bastante significativos.

O mesmo, porém, não ocorre no caso do sítio Itacoatiara dos Macacos, talvez pelo fato de está longe da área urbana do município, apesar de recentemente ter sofrido um desfalque em um de seus painéis, quando um vândalo retirou pequena lasca do afloramento com algumas gravuras rupestres, possivelmente para levar consigo um souvenir, uma pequena lembrança de sua malograda estadia naquele magnífico lugar.

Partindo-se do centro de Queimadas em direção à Fagundes leva-se cerca de 20 minutos até a fazenda do senhor João Bezerra de Andrade, limítrofe da fazenda do senhor Jorge Xavier, onde estão dispostas as gravuras. A distância da fazenda do senhor João Bezerra até o local das gravuras é de aproximadamente 1 km, feito em parte com o auxílio de motocicleta e parte a pé (em torno de 100 metros).

O local, assim como em boa parte dos sítios do interior do Nordeste, é cercado de atividades antrópicas,

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

como a agricultura familiar e a pecuária, porém, o local das gravuras é excelentemente bem conservado, não podendo ser identificadas muitas mudanças feitas pelo homem, à exceção é um pequeno bloco de concreto identificando o sítio e o já citado projeto PROCA e a retirada de uma lasca já citada anteriormente.

Com relação ao local que entre os populares é conhecido como Tanque, temos o riacho Macacos, correndo nos períodos de chuva, árvores muito frondosas no entorno, como a Baraúna (*Schinopsis brasiliensis*), o Angico (*Anadenanthera colubrina*) e a Catingueira (*Caesalpinia pyramidalis*).

As gravuras estão dispostas em painel único, ocupando uma área de 17,5 m<sup>2</sup>, o local foi previamente polido e a técnica utilizada foi a de meia-cana. Em sua maioria, as gravuras são constituídas de capsulares desordenados e bem polidos, observa-se ainda, uma figura em forma de curva que poderíamos associar a uma serpente, dois traços que se cruzam formando uma pequena “cruz”, há ainda uma pequena figura composta de quatro extremidades e uma maior em forma de espiral, semicircular com um

capsular ao centro e ainda outro pequeno aspiral que converge em duas extremidades (Fig. 24).



**Fig. 24** – Gravuras rupestres da Itacoatiara dos Macacos.

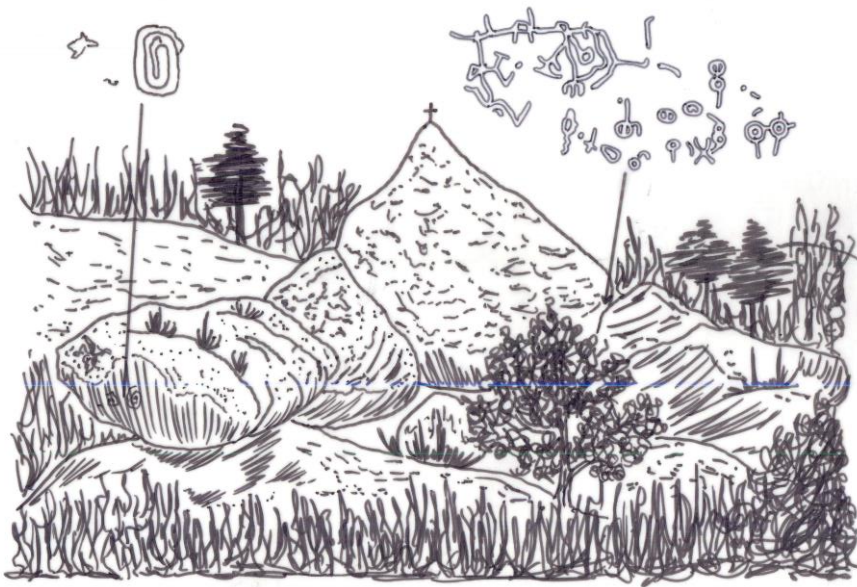
**Crédito da imagem:** Thomas Bruno Oliveira.

Percebemos também como é frágil o conhecimento acerca do material arqueológico e, também, a pouca importância dada pelos populares a tais monumentos.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Este sítio é um dos que mais se aproxima, em termos de técnica estilística, das gravuras da Itacoatiara do Ingá.

### 07. PEDRA DA TORRE – RIACHÃO DO BACAMARTE



**Fig. 25** – Desenho esquemático do sítio Pedra da Torre, Riachão do Bacamarte, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O sítio Arqueológico Pedra da Torre localiza-se no município de Riachão do Bacamarte, na fazenda de propriedade de Perón Japiassú. Esse sítio tem características marcantes que o tornam muito especial.

Seguindo-se a partir do município de Ingá pela PB-090, e depois pela BR-230, na altura do Km 126, podemos observar uma pedra que se destaca na paisagem por ter uma pequena cruz no seu topo. Em linha reta, esse local está a 11 km da Pedra do Ingá.

Na verdade, o sítio arqueológico Pedra da Torre é formado por uma série de matacões, sobrepostos sobre um bloco de pedra maior, a poucos metros da sede da fazenda de nome Torre. O local é de acesso relativamente fácil.

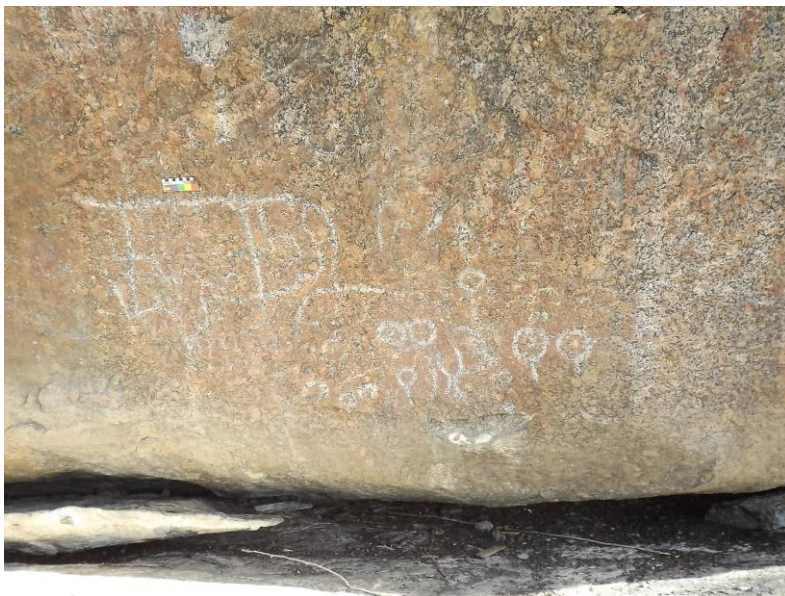
O sítio tem ao todo 14 matacões de variados tamanhos e nem todos tem gravuras, o principal deles, um matacão em granito mede cerca de 8 metros de comprimento, por 11 de altura. Nele podemos observar em sua face Norte, uma série de gravuras e pinturas, fato raro de ocorrer, dispostas sobre um fundo previamente polido e untado com ocre vermelho. As gravuras estão dispostas no centro e, embora tenham

sido feitas através de picoteamento superficial, oferecem boa visualização. As pinturas localizam-se em posições periféricas em relação às primeiras, circulando-as, fato que deve ser destacado é que diferentemente de outros sítios, ao menos no painel principal não podemos distinguir nenhuma figura a qual possamos atribuir alguma similaridade e/ou significação aproximada. Porém, ainda no matacão principal do lado esquerdo temos duas figuras as quais podemos atribuir forma aproximada, uma em forma de espiral e outra que se parece com uma mão com três dedos, todas em tom vermelho. Nesse local, observa-se a ação de pátina, desconfigurando inclusive, algumas gravuras.

Para além do matacão principal e maior temos os matacões secundários dispostos à frente, ao lado esquerdo e por trás deste. Nesses outros matacões também podemos identificar algumas pinturas, estas, a exemplo das outras, também se configuram como abstratas e estão dispostas em diferentes locais ao longo do sítio.

Esses matacões secundários formam abrigos naturais excelentes, em um deles a área é de aproximadamente 4m<sup>2</sup> e tem pinturas no seu interior. No outro, um pouco menor

temos um indicativo de fonte de água e também um pequeno painel, a exemplo do principal também polido que contém algumas pinturas em tom vermelho e com sinais visíveis de oxidação (Fig. 26).



**Fig. 26** – Gravuras rupestres no sítio Pedra da Torre.

**Crédito de imagem:** Thomas Bruno Oliveira.

No local sobre o qual estão dispostos os matacões, um lajedo aflorado, temos alguns tanques naturais de profundidade mediana e diversos. A vegetação do local

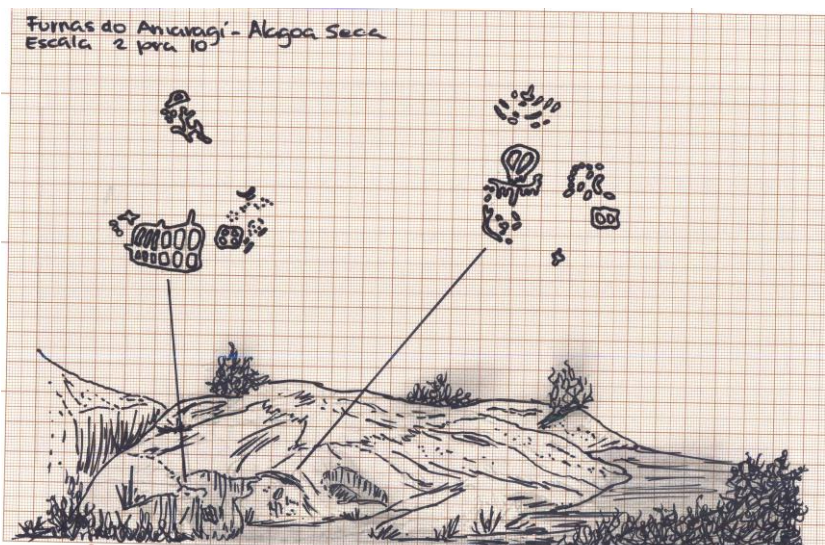
também merece menção, o tipo predominante é o da caatinga com plantas de pequeno e médio porte, como a *Aspidosperma Pilocereus*, popularmente conhecida como marmeleiro, assim como temos árvores maiores, a exemplo do *Zyziphus Joazeiro*, conhecido como juazeiro e o *Hymenaea courbaril*, conhecido como jatobá.

Por fim, a atenção volta-se para um fato já mencionado no início, a pequena cruz encravada no topo do matacão maior, talvez um indicativo de religiosidade popular e/ou promessa e também para a situação física do sítio, em razão de este situar-se muito próxima da BR-230 e da sede de uma fazenda o acesso é facilitado consideravelmente. Em virtude disso, podemos observar que as figuras foram ressaltadas, utilizando-se uma espécie de cera a qual não podemos identificar, fato que, talvez, possa vir a prejudicar a longevidade das frágeis gravuras.

No geral as gravuras rupestres identificadas, se assemelham aquelas encontradas na Itacoatiara do Ingá, especialmente as marginais.



## 08. SÍTIO FURNAS DO AMARAGI – LAGOA SECA



**Fig. 27** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Furnas do Amaraqui, Lagoa Seca, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Esse sítio arqueológico foi referenciado pela primeira vez no trabalho da professora da UFPB, Ruth Trindade de Almeida (1979), em seu livro “A arte rupestre dos Cariris Velhos”, obra de grande importância para os estudos arqueológicos até hoje no estado da Paraíba. Recentemente esse sítio também foi citado no livro do professor e

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

pesquisador da Sociedade Paraibana de Arqueologia (SPA), Vanderley de Brito (2013), a título de comparação com as inscrições encontradas nas Itaquiatiaras de Ingá.

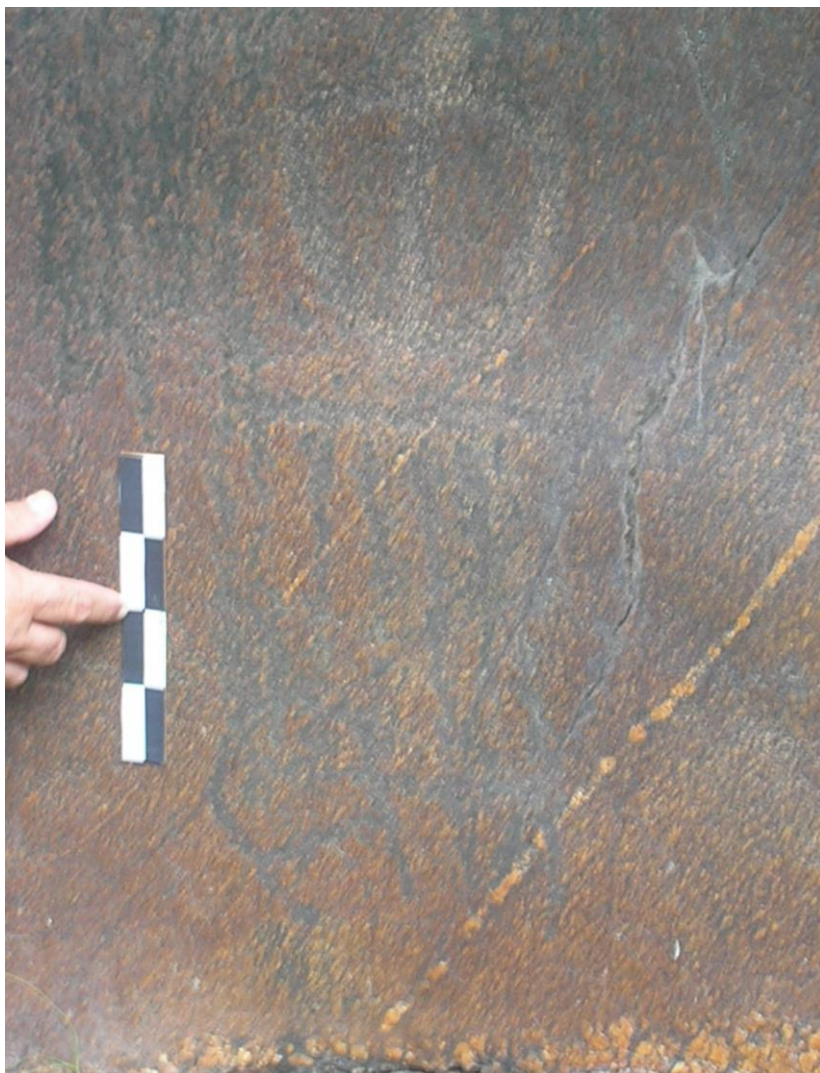
O sítio Amaragi, local onde está localizado o sítio arqueológico fica na cidade de Lagoa Seca, distante cerca de 8 km da sede da cidade percorridos por estrada de barro em perfeitas condições de tráfego e bastante conservada. O percurso é percorrido em menos de 20 minutos. O sítio fica na propriedade do senhor José de Araújo, habitante do local desde o seu nascimento, herdeiro de uma antiquíssima família, segundo ele vinda de Portugal que iniciou o povoamento da região por europeus. O senhor José de Araújo guarda em sua memória de infância a lembrança de inscrições várias e bem visíveis que ao longo do tempo e das sucessivas “cheias” do rio Mamanguape, foram sendo encobertas e revolvidas, perdendo-se assim a possibilidade de apreciá-las, o que, sem dúvida, é uma perda irreparável tendo em vista que segundo o já citado proprietário e outros antigos moradores da região, essas inscrições perdidas formavam as partes mais “bonitas” e bem trabalhadas do local.

Como o trabalho do pesquisador tem dessas surpresas, passemos a descrição do sítio que apesar da já citada perda sofrida pela ação natural do rio é muito bonito, bastante “legível” e conservado: trata-se de poucas gravuras dispostas em um painel formado por uma concavidade presente na pedra em cerca de 3 metros. Observa-se que o local não foi previamente polido antes de ser trabalhado, no entanto, há um polimento natural, provavelmente em decorrência da ação do rio em seu percurso natural de milhares de anos, o que possibilitou um bom aproveitamento por parte dos que fizeram as gravuras.

O trabalho realizado no sítio Amaragi não é dos mais elaborados, feitos sob a técnica do picoteamento artificial, sem atingir profundidades consideráveis. No entanto, é bom frisar que estão bem visíveis até pela pátina escura que se formou no interior das gravuras que em contraste com o avermelhado característico do painel possibilita uma ótima leitura das gravuras como um todo.

Na parte mais visível do painel, podemos observar as seguintes gravuras: um pequeno gradeado contendo dois menores e de diferentes tamanhos ao centro, bastante

capsulares de variados tamanhos ora agrupados, ora dispersos e uma figura que não chega a formar um círculo, mas se assemelha a tal, também, com outras duas figuras menores ao centro. Na outra parte do painel, um pequeno espaço com cerca de 1 m<sup>2</sup>, localizado ao lado esquerdo do acima citado, com três faces temos as seguintes gravuras: novamente bastante capsulares, um gradeado menor com quatro outros menores ao centro e um grande gradeado, bem elaborado e até certo ponto simétrico em suas formas, todos dispostos em apenas uma das três faces. Mais uma vez faz-se necessário lembrar que provavelmente havia aqui um painel principal, que se encontra impossibilitado de ser visualizado e também outras gravuras marginais a este que encontram-se dispostas nos caldeirões que rodeiam as gravuras, mas que, por ora, encontram-se encobertos pela areia trazida pela última “cheia” do rio Mamanguape, em 2010 (Fig. 28).



**Fig. 28** – Gravuras rupestres do sítio Furnas do Amaragi.

**Crédito da imagem:** Thomas Bruno Oliveira.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

No entorno do sítio podemos observar a presença de muitas casas, sendo o local, portanto, bastante habitado, o que não significa que o sítio encontra-se em más condições, pelo contrário, excetuando-se a ação natural provocada pela ação do rio, o painel é bastante conservado, não apresentando sinal de depredação realizado pela ação antrópica tão presente em outros locais importantes para a arqueologia paraibana, como a Pedra do Touro, em Queimadas, por exemplo.

Assim como em outros locais, no Amaragi, também, temos uma boa vegetação ciliar, inclusive com árvores de médio porte: Jatobá, Sabiá, Espinheiro e Embaúba. Outro detalhe é que seguindo uma tradição ancestral os moradores locais utilizam-se das águas que ficam nas “barrocas” para lavarem suas roupas, já que o rio Mamanguape por ser perene fica seco durante parte do ano.

O sítio, no geral, apresenta gravuras que se assemelham as da Itacoatiara do Ingá, especialmente aquelas gravuras consideradas marginais.

## 09. MATA LIMPA – AREIA



**Fig. 29** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Mata Limpa, Areia, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

No Município de Areia, na localidade do Rio do Campo, encontramos um pequeno paredão medindo 3 metros de comprimento por 2 metros de largura e 3 metros de altura, com poucas gravuras rupestres, mas muito interessante. O mesmo encontra-se em ótimo estado de conservação, contudo em tempos chuvosos encontra-se submerso pela água do rio, dificultando e diminuindo o tempo de pesquisas.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

As gravuras são constituídas de dois grandes círculos, uma grande reta e outras gravuras abstratas. Não apresenta capsulares. As mesmas foram feitas através da técnica de raspagem com polimento (Fig. 30).



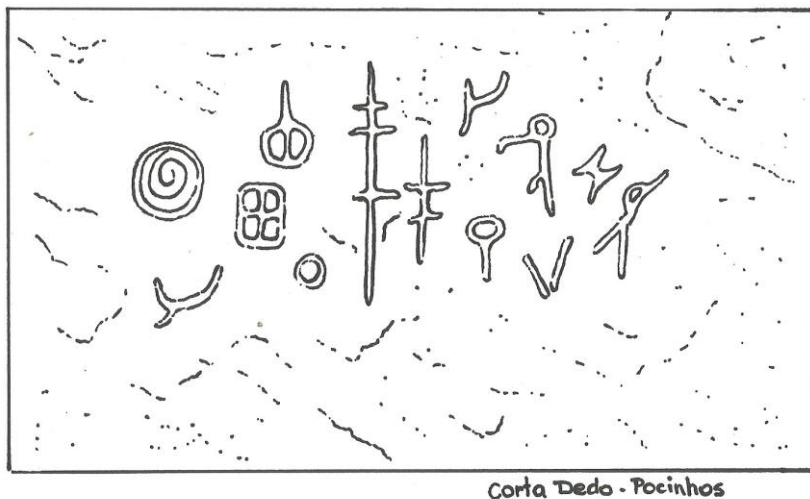
**Fig. 30** – Gravuras rupestres do sítio Mata Limpa.

**Crédito da imagem:** Felipe Caetano.

As gravuras se assemelham aquelas existentes na Itacoatiara do Ingá.



## 10. SÍTIO CORTA DEDO – POCINHOS



**Fig. 31** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Corta Dedo, Pocinhos, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Felipe Caetano.

O sítio arqueológico encontrado na cidade de Pocinhos é de gravuras rupestre da tradição Itacoatiara. Encontra-se em uma rocha em forma de onda formando assim, um abrigo natural ajudando na preservação dessas inscrições. As mesmas estão gravadas num painel que mede 8 metros de comprimento, 5,90 cm de largura por 3,60 cm de altura rodeada por uma vegetação bastante seca e

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

aproximadamente a um (01) metro de um açude que no período das estiagens encontra-se seco em consequência da falta de chuva na região, mas que no período chuvoso o monumento fica coberto por água, deixando assim, as inscrições cobertas sem nenhum acesso. Contudo, as mesmas encontram-se em ótimo estado de conservação sem nenhuma ameaça que possa provocar possíveis consequências de vandalismo ou de desaparecimento.



**Fig. 32** – Gravuras rupestres do sítio Corta Dedos.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

O sítio apresenta gravuras em meia-cana: gradis, aspirais, antropomorfos e figuras abstratas, dispersas em um imenso bloco granítico que mede 5,90m X 3,60m de altura, formando um único painel (Fig.32).

Apesar da não existência de capsulares neste sítio, as gravuras e a técnica utilizada se assemelham as da Itacoatiara do Ingá.

## **11. ITACOATIARA DO ESTREITO – CAMPINA GRANDE**

O sítio arqueológico Itacoatiara do Estreito localiza-se às margens do riacho Gado Bravo, distando cerca de 17 Km do centro da cidade de Campina Grande. Para se chegar ao sítio, o melhor caminho é pela Av. Almirante Barroso, até a confluência com a BR-230, de lá, percorre em estrada que está sendo asfaltada cerca de 10 Km até chegar a uma pequena capela à esquerda da via. De lá, a pé por entre a caatinga rala, percorre-se cerca de 1 Km seguindo o curso do rio, até chegar num pequeno amontoado de blocos de rochas, muitas delas soltas no leito do rio, onde se

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

encontram as gravuras rupestres em meia-cana. A propriedade pertence ao Sr. Reinaldo, que reside em Campina Grande. O acesso até as gravuras é considerado fácil.



**Fig. 33** – Desenho esquemático da Itacoatiara do Estreito, Campina Grande, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Vanderley de Brito.

A Itacoatiara do Estreito é composta por dez (10) painéis, distribuídos numa vasta área em torno do riacho Gado Bravo.

O painel principal possui inúmeras gravuras numa extensão de 7 metros de comprimento por cerca de 2,40 metros de altura, voltado para o Norte.



**Fig. 34** – Gravuras do painel principal do sítio Itacoatiara do Estreito.

**Crédito da imagem:** Thomas Bruno Oliveira.

Ocorrem dezenas de gravuras em baixo relevo (meia cana): grafismos puros e geométricos e a presença de

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

capsulares dispersos e organizados. A figura mais interessante desse painel é a que se assemelha a uma pizza. Nos outros painéis existentes, verifica-se grafismos puros e motivos geométricos (Fig. 34).

O estado de conservação do sítio é muito bom mas, já se percebe ações antrópicas na área. A vegetação do entorno do sítio é caatinga arbustiva e plantações de gênero de subsistência, além de atividades criatórias.

A Itacoatiara do Estreito é uma das mais importantes áreas por nós estudadas, pois suas gravuras apresentam técnicas estilísticas idênticas às contidas na Itacoatiara do Ingá.

## **12. PEDRA DA VIOLA – I – GUARABIRA**

O sítio arqueológico Pedra da Viola I, localiza-se às margens do rio Araçagi-Mirin, na localidade denominada de Maciel. Dista cerca de 11 Km do centro da cidade de Guarabira. O acesso é fácil: partindo da cidade de Guarabira pela rodovia que dá acesso a João Pessoa, percorre cerca de

5 Km, entrando a esquerda numa estrada vicinal, seguindo por cerca de 6 Km até o sítio Maciel.



**Fig. 35** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Pedra da Viola I, Guarabira, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Trata-se de um magnífico afloramento rochoso na margem esquerda do rio Araçagi-Mirin e, quando das chuvas na região, o afloramento com as gravuras rupestres ficam parcialmente coberto pelas águas do rio perene, que mesmo no período das estiagens, apresenta um pequeno filete de

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

água corrente, no que dificulta, até certo ponto, as atividades de pesquisa no sítio.

A vegetação do entorno é rasteira e constitui-se basicamente de gramínea plantada para o gado, contribuindo para um acelerado processo de assoreamento do referido rio. Apenas nas proximidades do rio, em áreas isoladas, ainda se encontra algumas espécies de plantas e animais nativos da região.



**Fig. 36** – Gravuras rupestres no sítio Pedra da Viola I.

**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos.



No principal bloco de granito, localizam-se dezenas de gravuras rupestres em meia cana rasa, grafismos puros, capsulares, círculos, símbolos geométricos e uma figura que batiza o sítio: uma gravura que tem a aparência de uma viola (Fig. 36).

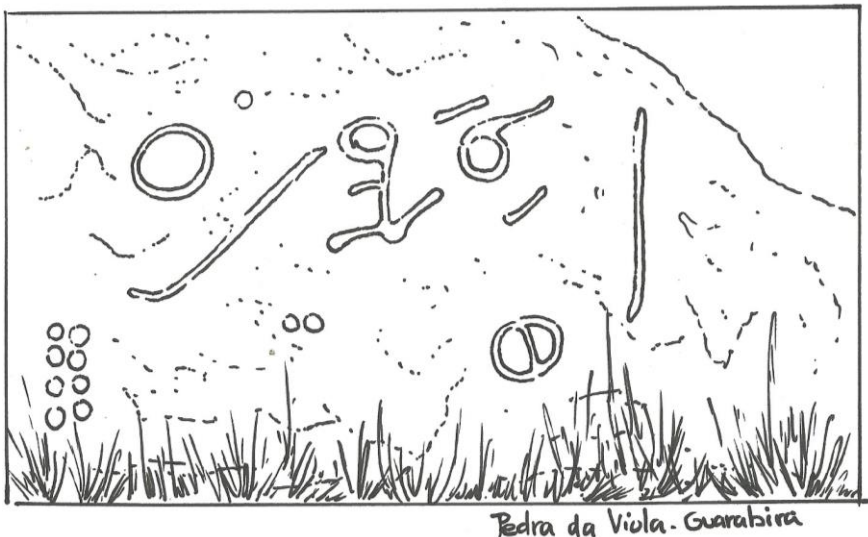
Atualmente, o rio encontra-se bastante assoreado, dificultando, sobremaneira, outras atividades de pesquisa na área. No geral, o sítio encontra-se bem preservado e suas gravuras se assemelham as da Itacoatiara do Ingá.

### **13. PEDRA DA VIOLA II – GUARABIRA**

No decorrer da pesquisa foi encontrado no município de Guarabira, a cerca de 11 km da cidade sede, próximo a um monumento já conhecido pela nossa equipe identificado como Pedra da Viola I, dois sítios arqueológicos de inscrições rupestres da tradição Itacoatiara. As mesmas estão gravadas em dois pequenos tanques naturais que em tempos de estiagem quando o rio Araçagi-Mirin, que encontra-se próximo a esses monumentos, está baixo, a

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

população usa para lavar roupa, estando as inscrições em dois painéis: um que mede 5 metros de largura, 3 de comprimento por dois de altura.



**Fig. 37** – Desenho esquemático do sítio Pedra da Viola II, Guarabira, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

As gravuras apresentam-se em um tanque com técnica de raspagem e estão dispostas num único painel, sendo: círculos fechados e figuras abstratas. Não foi

identificada a presença de capsulares. Este sítio dista cerca de 400 metros da Pedra da Viola I (Fig. 38).



**Fig. 38** – Gravuras do sítio Pedra da Viola II.

**Crédito da imagem:** Felipe Caetano dos Santos.

Apesar da não identificação de capsulares, as gravuras existentes se assemelham às existentes na Itacoatiara do Ingá, especialmente aquelas que fazem parte do que denominamos de figuras marginais.

#### 14. PEDRA DA VIOLA III – GUARABIRA



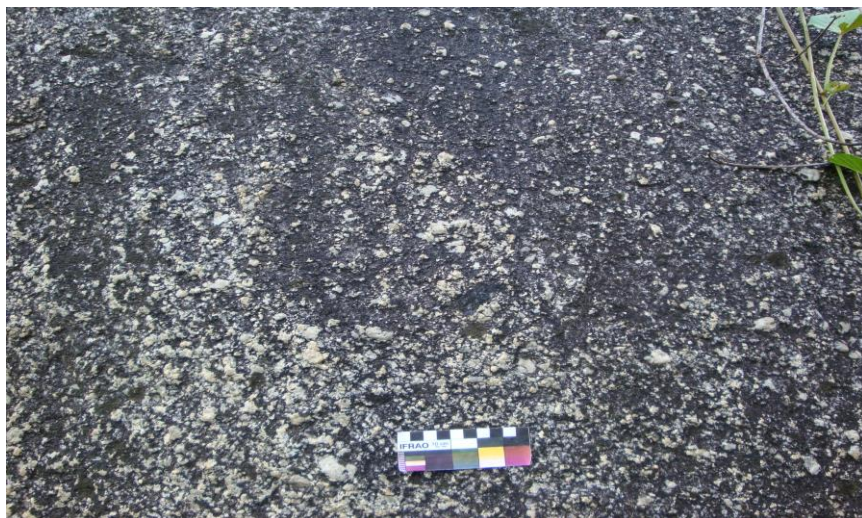
**Fig. 39** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Pedra da Viola III, Guarabira, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

As gravuras estão em boas condições de preservação, porém, o que dificultou a pesquisa em relação as mesmas foram as péssimas condições de acesso para se chegar a esse monumento que está na margem do rio Araçagi-Mirin, em um tanque; a vegetação é bastante densa e alagada pela água que sobe do rio, tendo nossa equipe que atravessar o mesmo para se chegar até as inscrições, que por estarem no momento, parcialmente cobertas pelas águas, só conseguimos tirar algumas fotos e compilar algumas

gravuras que estão num pequeno caldeirão, para registro dessa atividade que, sem dúvida, é de extrema importância para preservação e conhecimento dessas inscrições.

As gravuras foram confeccionadas utilizando-se a técnica de raspagem, recebendo certo polimento. Trata-se de poucas gravuras abstratas e um grande círculo (Fig. 40).



**Fig. 40** – Gravuras do sítio rupestre Pedra da Viola III.

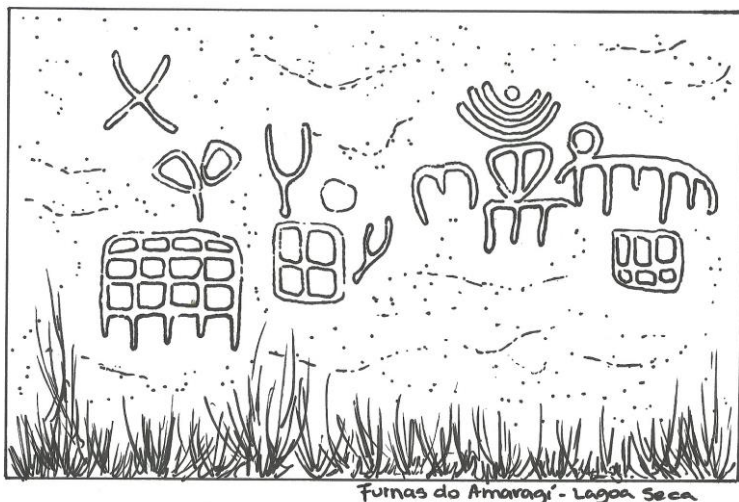
**Crédito da imagem:** Felipe Caetano.

O sítio encontra-se a poucos metros do Pedra da Viola II. As medições foram comprometidas tendo em vista a

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

grande quantidade de água existente no rio Araçagi-Mirin quando a visita da equipe aquele local em junho de 2014. Mesmo assim, as gravuras rupestres se assemelham às existentes na Itacoatiara do Ingá.

### 15. FURNA I – MATINHAS



**Fig. 41** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Furna I, Matinhas, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Encontramos no município de Matinhas, na localidade do Geraldo de Cima, dois (02) sítios arqueológicos nas margens do rio da Furna. O sítio Furna I, se encontra em

ótimo estado de conservação, sendo que um apresenta apenas gravuras rupestres tendo 5 metros de comprimento, 3,90 metros de largura e 3 metros de altura representada por figuras contidas em dois (2) painéis.

As gravuras apresentadas são gradis, abstratas e uma suposta cabeça humana (antropomorfo) e alguns capsulares dispersos. A técnica de gravação observada é a de raspagem polida (Fig. 42).

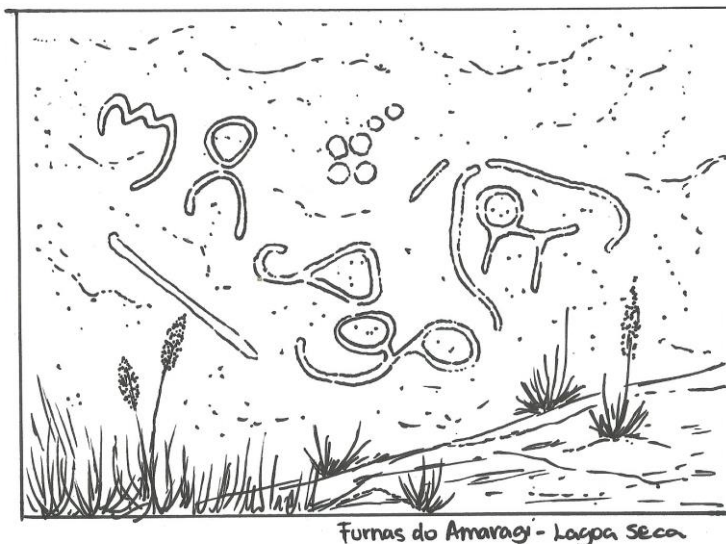


**Fig. 42** – Gravuras do sítio Furna I, Matinhas.

**Crédito da imagem:** Felipe Caetano dos Santos.

As gravuras se assemelham aquelas existentes na Itacoatiara do Ingá.

## 16. FURNA II – MATINHAS



**Fig. 43** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Furnas II, Matinhas, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Já a outra Itacoatiara (Furnas II), que dista do Furnas I cerca de 100 metros, apresenta uma mescla de pintura e gravura rupestre medindo 6,50 cm de comprimento, 4 metros de largura e 3 metros de altura como representa a (Fig.44), constituindo-se em representações gráficas esquemáticas. As técnica de gravação deste sítio é a mesma



usada no Furnas I e as pinturas estão em tonalidade vermelha claro, sofrendo intenso desgaste pela ação do tempo.

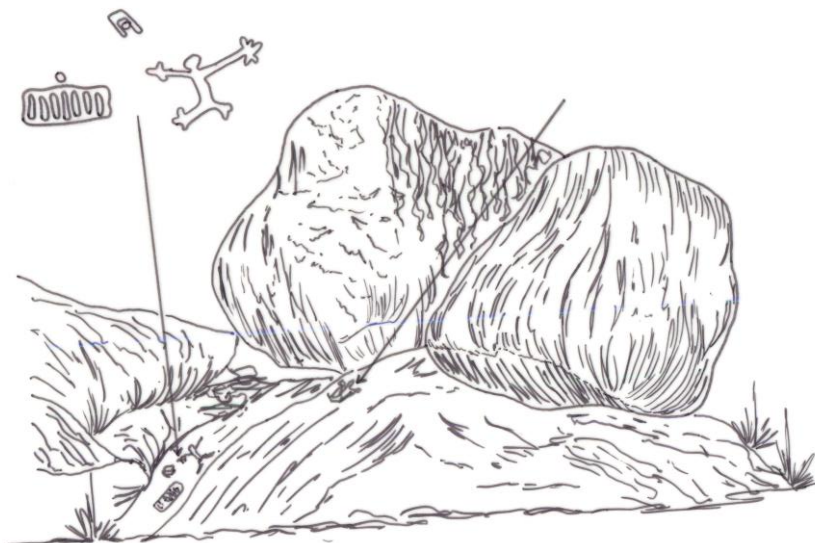


**Fig. 44** – Gravuras rupestres do sítio Furnas II, Matinhas.

**Crédito da imagem:** Felipe Caetano dos Santos.

As gravuras contidas neste sítio arqueológico se assemelham às existentes na Itacoatiara do Ingá, especialmente ao conjunto de gravuras denominadas de marginais.

## 17. PEDRA DA LUA – INGÁ



**Fig. 45** – Desenho esquemático do sítio arqueológico Pedra da Lua, Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Dennis Mota Oliveira.

Cerca de 12 km de distância da sede do município de Ingá existe um pequeno povoado conhecido por Chã dos Pereiras, o prenome Chã, dá-se em decorrência do local está encravado em uma pequena cadeia de montanhas, que popularmente é conhecido como chã, serra; o outro nome,

dos Pereiras faz referência a uma das primeiras famílias que chegaram ao local, vinda do Sertão da Paraíba.

O sítio arqueológico propriamente dito localiza-se a cerca de 1 km do citado povoado. Alcançar o povoado de Chã dos Pereiras é relativamente fácil, da sede do município de Ingá até a entrada do povoado o acesso dá-se através de estrada asfaltada, lá conhecida como pista, da entrada até o povoado a estrada é asfaltada através de paralelepípedos, o popular calçamento. Como já foi dito, partindo da Chã até o sítio Pedra da Lua, percorre-se cerca de 1 km, percurso feito com o auxílio de motocicleta até certo ponto e uns 400 metros de caminhada pela vegetação nativa.

O local é de difícil acesso, isso se dá muito em decorrência de o local ser bastante preservado quanto a cobertura vegetal, apesar de a economia local ser movida principalmente a partir dos populares “roçados”, visíveis na caminhada em direção ao sítio, uma boa parcela das árvores e animais nativos pode ser observada no entorno do sítio, as casas mais próximas estão acerca de 300 metros.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Fato que merece menção é que no local há um pequeno riacho, perene, como a maioria dos riachos da região, conhecido como riacho do Pote Quebrado. Seguindo-se por esse riacho que na verdade é um filete de água, adentrando a vegetação, com um pouco de dificuldade alcança-se o sítio.

O local é muito bonito, um extenso lajedo que mede cerca de 50 metros rodeados por vegetação nativa bastante viçosa nos períodos de chuva. No citado lajedo podemos observar um antropomorfo, não muito distinguível a primeira vista porque não há a cabeça da gravura, uma lasca no lajedo é a causa do prejuízo na gravura, causada por fatores naturais ou pela ação antrópica não se sabe; perto do antropomorfo existe ainda uma pequena figura em forma de “U” invertido, com um capsular ao centro e um agrupado de traços na horizontal, que costumeiramente chamamos de gradeado.

As outras gravuras encontram-se na parte de baixo do matacão que existe do lado esquerdo do lajedo, medindo 3 metros de altura por 4 de comprimento, nele podemos observar um gradeado perfeito e um semi círculo que muito

se parece com uma Lua Minguante, daí os populares terem batizado o local de Pedra da Lua (Fig. 46).

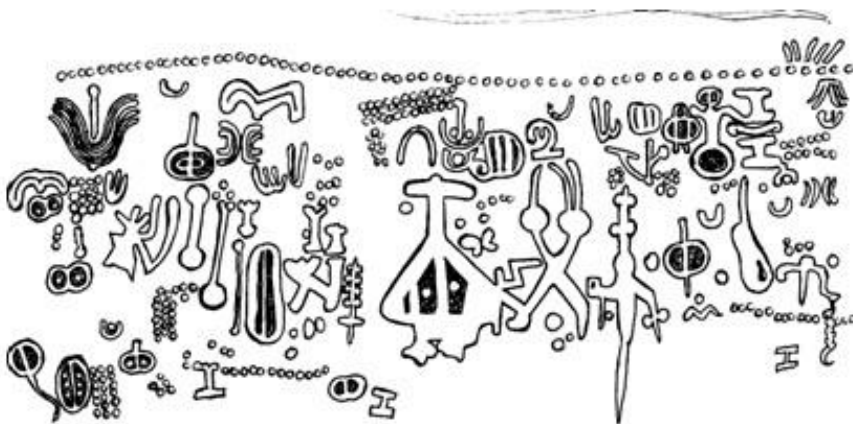


**Fig. 46** – Gravuras rupestres da Pedra da Lua, Ingá.

**Crédito da imagem:** Thomas Bruno Oliveira.

As gravuras além de estarem muito próximas ao sítio do Ingá (Itacoatiara do Ingá) se assemelham em tudo as gravuras existentes na Pedra do Ingá.

## 18. ITACOATIARA DO INGÁ – INGÁ



**Fig. 47** – Desenho esquemático da Itacoatiara do Ingá, Ingá, Paraíba, Brasil.

**Crédito da imagem:** Reprodução de J. A. Fonseca.

O sítio Itacoatiara do Ingá (sítio referência deste trabalho de pesquisa) foi o primeiro monumento arqueológico tombado como patrimônio arqueológico nacional no ano de 1941, portanto, toda a área desde este ano passa a ser de domínio da União, mesmo que a área onde se encontra o sítio seja particular.

O acesso até as itacoatiaras é fácil. O sítio dista cerca de 44 Km da cidade de Campina Grande. Saindo da

cidade de Campina Grande, pela BR-230, existem várias placas indicativas para se chegar à cidade do Ingá e, de lá, até as itacoatiaras, que dista cerca de 6 Km, por estrada asfaltada. Todo o percurso, seja saindo da cidade do Recife, João Pessoa ou Campina Grande é feito por estrada asfaltada em ótimo estado de conservação.

Os arqueólogos classificam a Pedra do Ingá como “Itacoatiara”, que em Tupi significa “pedras pintadas”, embora as inscrições estejam esculpidas em baixo relevo e não pintada, onde no bloco rochoso principal, com 24 metros de comprimento e quase 4 metros de altura, pode-se observar a maioria das inscrições que formam um fabuloso painel com dezenas de gravuras rupestres, provavelmente produzidas pelo uso de instrumentos de pedra que guardariam dados sobre o cotidiano e de acontecimentos marcantes do homem pré-histórico que ali possivelmente viveu.

O local apresenta três painéis principais e outros locais marginais com centenas de gravuras, algumas riscadas, outras gravadas de forma profunda e polida.

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Ao analisarmos com detalhes à Pedra do Ingá podemos constatar estranhas figuras que se assemelham aos astros, a animais e plantas, a objetos desconhecidos e até algo que lembra um foguete. Esta última gravura tem gerado várias suposições místicas, como as formuladas por Gilvan de Brito (1988) de as gravuras dali terem sido feitas supostamente por extraterrestres.

Alguns pesquisadores acreditam que essas inscrições tenham milhares de anos e alguns dizem terem sido feitas há mais de oito (8) mil anos A.P., isso baseado em datações realizadas em outras regiões onde foram encontrados materiais arqueológicos utilizados para a confecção de gravuras rupestres, sendo estes materiais ou as camadas estratigráficas onde os mesmos foram encontradas, datadas e, por analogia, atribui-se a Itacoatiara do Ingá, tal período temporal.

Por estar na margem de um curso d'água, o riacho Bacamarte, é praticamente impossível obter uma datação absoluta, pois a água que corre no referido riacho teria eliminado os testemunhos arqueológicos utilizados na gravação. Com o passar do tempo, qualquer vestígio da



presença humana que gravaram as Itacoatiaras, desapareceram; seria necessário encontrarmos evidências arqueológicas, como por exemplo, restos de fogueiras, ossadas ou instrumentos utilizados pelos grupos humanos gravadores da pedra, no que torna-se improvável que isso aconteça pelo motivo exposto anteriormente. Quando o rio “bota” água no período das grandes cheias, a pedra fica totalmente coberta e tudo que um dia foi utilizado para gravá-la, teoricamente foi levado pelas enxurradas com o passar do tempo.

Da mesma forma que não temos dados precisos da idade em que esses desenhos (gravuras) foram realizados, também é muito difícil dar interpretações precisas das figuras apresentadas e, qualquer relação que se faça, não passa do campo das suposições, dando margem às inúmeras especulações (SANTOS, 2007, pp. 58-59).

A Itacoatiara do Ingá está agonizando. Calculamos que cerca de 20 ou 30% das gravuras já foram, total ou parcial, destruídas pela ação natural ou antrópica. O local de rara beleza vem sendo utilizado por excursionistas de finais de semana que depredam o lugar, deixando lixo e até

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

tentando retirar pequenas lascas dos magníficos painéis, levando para casa suvenis da Pedra do Ingá. O pisoteio por sobre os painéis de milhares de pessoas que visitam o lugar todos os anos, vem causando, sistematicamente, certo abalo sobre as gravuras que tendem a desaparecer com o tempo.



**Fig. 48** – Gravuras rupestres da Itacoatiara do Ingá, painel principal vertical.

**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos.

Os caldeirões existentes próximos dos painéis principais, sendo que muitos deles contêm em seu interior gravuras rupestres que aqui denominamos de gravuras marginais por estarem à parte dos painéis principais da Itacoatiara, encontram-se assoreados, em muitos deles, nem sabemos a profundidade e se existem novas gravuras em seu interior (Fig. 48).



**Fig. 49** – Área próxima as gravuras da Itacoatiara do Ingá totalmente desprovida de mata ciliar.

**Crédito da imagem:** Coleção particular de Juvandi de Souza Santos

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

Ambientalmente falando, o sítio atualmente passa por elevado processo de destruição e seu entorno não é diferente. As chuvas de 2004 e 2010, intensas, devastaram o pouco que restava da mata ciliar do rio, causando uma verdadeira revira-volta nas imediações das gravuras, deixando tudo a descoberto e sem perspectivas de nenhum processo de reflorestamento (Fig. 49).

Talvez uma das atividades mais significativas que margeia as famosas Itacoatiaras do Ingá, venha a ser a fértil imaginação popular criada a partir de inúmeras interpretações que se tenta dar sob as gravuras rupestres. São inúmeras as ESTÓRIAS: que as gravuras teriam sido obras de extraterrestres; obras de Fenícios, Gregos, Egípcios, Persas, Hebreus etc.. Mas, o mais provável, é que as Itacoatiaras do Ingá e os demais sítios arqueológicos que apresentam semelhanças estilísticas a esse magnífico monumento tenha sido confeccionado durante dezenas ou até centenas de anos por antigos grupos humanos conhecedores da técnica de gravação que habitaram a região em tempos pretéritos (MARTIN, 2005).

O que mais fascina nas Itacoatiaras do Ingá e o que nos motivou a buscar uma suposta subtradição para a região, além da questão científica, é este ar de mistério que envolve o belo sítio arqueológico. Melhor que se mantenha dessa forma, continuando a inspirar todos e, de todos os níveis, sobre os supostos mistérios da Itacoatiara do Ingá.

#### **4. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS OBTIDOS COM A PESQUISA**

Desde que começamos as pesquisas em 2010, já foram levantados, catalogados e estudados com gravuras 25 sítios, destes, apenas dezenove (19) foram estudados sistematicamente e apresentados neste trabalho. Estudamos as itacoatiaras existentes num raio de 45 km, tendo como epicentro a Itacoatiara do Ingá. Esses resultados são de extrema importância para a comunidade acadêmica que vem, há muitos anos, estudando essas inscrições, pois a cada inscrição encontrada chegamos mais perto dos apontamentos de arqueólogos como Gabriela Martin que também defende a perspectiva de que a Pedra do Ingá possa se constituir em algo único e que um levantamento dos sítios pré-históricos de Itacoatiaras da Paraíba, circunvizinhas da Pedra do Ingá, deva ocorrer para que se possa falar de uma “subtradição Ingá” de gravuras rupestres, cujas características, a priori, seriam de posicionamento ao longo de cursos d’água, sejam eles tanques, rios, riachos ou lagoas. A forma curva e complexa dos grafismos, pontos ou pequenas formas circulares gravadas ordenadamente e que

dão a impressão de linhas de contagens, denso preenchimento dos painéis em alguns sítios, além da técnica de raspagem com polimento contínuo na elaboração do grafismo (MARTIN, 2005, p. 298), são as principais características observadas (Tabela 2).

Contudo, apesar de nosso foco ser as inscrições rupestres da tradição Itacoatiara, a pesquisa não se limitou apenas em fazer o levantamento das mesmas, mais de todo e qualquer vestígio arqueológico, paleontológico e espeleológico encontrado na área estudada. Dessa maneira, colaboramos para preservação desses patrimônios sempre em parceria com a comunidade onde se encontram esses monumentos, desenvolvendo, assim, uma consciência social na população que ali reside, especialmente através das atividades de Educação Patrimonial.

É importante frisar que ainda falta muito para chegarmos a uma conclusão definitiva do nosso objetivo, pois, tal projeto deverá sofrer continuidade por anos ou por décadas, devido à amplitude da área e a complexidade em se estudar tais testemunhos arqueológicos, além, claro, de

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

locais de difícil acesso e do tempo para o devido levantamento de tais sítios.

A Tabela 2 a seguir apresenta os pormenores detectados nas 19 (dezenove) itacoatiaras trabalhadas nesta etapa da pesquisa.

<b>Ordem</b>	<b>Nome do sítio</b>	<b>Localização Município</b>	<b>Características</b>
01	Poço do Sapateiro	Mogeirol	- Picoteamento (Técnica), com gravuras pouco profundas; presença de capsulares; figuras polidas; presença de figuras antropomórficas e abstratas.
02	Lajes	Itatuba	- Presença de capsulares, figuras antropomórficas, zoomorfas e cosmológicas; gravuras em meia cana com polimento; utilizado a técnica de picoteamento; presença de gravuras abstratas.
03	Batentes I	Itatuba	- Foi observado as três técnicas de confecção de gravuras rupestres (picoteamento, raspagem e meia cana polida); Apresenta capsulares, antropomorfos e figuras abstratas.
04	Batentes II	Itatuba	- Apresenta capsulares, figuras zoomorfas, gradis e figuras abstratas; foi utilizada as três técnicas de confecção de gravuras (picoteamento,



			raspagem e meia cana polida).
05	Cachoeirinha	Itatuba	Apresentam capsulares agrupados e gradeados. Outras gravuras não foram identificado devido parte do sítio encontrar-se submerso na barragem de Acauã.
06	Cachoeira do Caldeirão	Esperança	- Apresenta capsulares dispersos e em conjunto, círculos, figuras cosmológicas e figuras abstratas; as gravuras são em meia cana e polidas.
07	Macacos	Queimadas	- Apresenta muitos capsulares dispersos e em conjunto, figuras zoomorfas, espirais e abstratas; as figuras foram gravadas em meia cana e receberam intenso polimento.
08	Pedra da Torre	Riachão do Bacamarte	- Apresenta gravuras e pinturas rupestres; no geral, as gravuras são abstratas e receberam a técnica de picoteamento, algumas polidas.
09	Furna do Amaragi	Lagoa Seca	- Presença de capsulares, gradis e principalmente figuras abstratas; as gravuras não receberam, previamente, polimento, em sua maioria; a técnica utilizada foi a de raspagem em baixo relevo com polimento em algumas gravuras.
10	Mata Limpa	Areia	- Apresenta gravuras em forma de círculo, uma grande

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

			linha reta e figuras abstratas; foi utilizada a técnica de raspagem com polimento.
11	Corta Dedos	Pocinhos	- Apresenta figuras antropomórficas, espirais e figuras abstratas; a técnica utilizada é a de meia cana com polimento.
12	Estreito	Campina Grande	- Apresenta figuras abstratas em sua maioria, círculos, gradis e capsulares dispersos; a técnica utilizada é a de meia cana polida.
13	Pedra da Viola I	Guarabira	- Apresenta figuras abstratas, capsulares e o destaque é para uma gravura em forma de viola; a técnica utilizada foi a de meia cana que recebeu polimento.
14	Pedra da Viola II	Guarabira	- Apresenta gravuras abstratas e um grande círculo; a técnica utilizada foi a de raspagem com polimento.
15	Pedra da Viola III	Guarabira	- Apresenta gravuras abstratas e um grande círculo; a técnica utilizada foi a de raspagem que recebeu polimento.
16	Furna I	Matinhas	- Apresenta gravuras abstratas, um suposto antropomorfo e capsulares; a técnica utilizada foi a de raspagem superficial que recebeu polimento.
17	Furnas II	Matinhas	- Apresenta gravuras abstratas e a presença de uma grande linha e de capsulares;

			a técnica utilizada foi a de raspagem superficial que recebeu polimento.
18	Pedra da Lua	Ingá	- Apresenta gravuras abstratas, antropomorfos, gradeados e capsulares; a técnica utilizada foi a de raspagem em baixo relevo (meia cana) que recebeu polimento.
19	Itacoatiara do Ingá	Ingá	- Apresenta uma infinidade de gravuras rupestres: zoomorfos, fitomorfos, antropomorfos, gradis, círculos, dezenas de capsulares em conjunto e desordenados, linhas e, principalmente figuras abstratas; a técnica utilizada foi a de baixo relevo em meia cana, brilhantemente polido. Já as figuras consideradas marginas, em sua maioria, são abstratas, apresentando técnicas de raspagem e picoteamento, algumas receberam polimento e outras não.

**Tabela 2** – Pormenores detectados nos sítios arqueológicos trabalhados.

Assim, podemos observar o que se segue:

1. Em quinze (15) sítios trabalhados aparecem capsulares, em conjunto ou dispersos, como os existentes na Itacoatiara do Ingá;

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

2. Em todos os sítios trabalhados, as figuras no total ou parcial, receberam algum tipo de polimento;
3. Nos sítios trabalhados, assim como na Itacoatiara do Ingá, observamos o uso das três técnicas de confecção de gravuras rupestres: picoteamento, raspagem e meia cana, sem que em todos os sítios estas técnicas tenham sido evidenciadas/observadas no total;
4. Em sete (07) dos sítios trabalhados tivemos a presença de figuras antropomórficas;
5. Nos dezenove (19) sítios trabalhados tivemos a presença de figuras abstratas;
6. Em quatro (04) sítios trabalhados tivemos a presença de figuras zoomorfas;
7. Com exceção do sítio Pedra da Torre, no município de Riachão do Bacamarte, nos demais sítios as gravuras estão muito próximas a algum tipo de manancial hídrico, em no máximo 10 metros de distância, sejam eles caldeirões, rios e riachos;
8. Em apenas dois (02) sítios arqueológicos: Pedra da Torre e Furna II, tivemos a presença de figuras (desenhos) rupestres associadas as itacoatiaras (gravuras);

9. Dos sítios identificados, apenas os sítios Pedra da Torre e Estreito oferecem condições de sondagem em sedimento, pois são os únicos que não estão inseridos em área de dinâmica fluvial, também são os únicos que podem favorecer uma datação direta dos registros rupestres porque além das gravuras rupestres (no caso a Pedra da Torre) este sítio comporta pinturas rupestres, cujo material fixador do corante é de origem orgânica;
10. Os sítios por nós identificados estão todos nas regiões a Oeste, Norte e Sul do sítio nuclear. Não obtivemos nenhuma informação de sítios Itacoatiara na região leste da Pedra do Ingá;
11. Não foi identificado ou coletado nenhum material arqueológico de superfície nestes sítios visitados. Os sítios arqueológicos por nós visitados apresentam bom estado de preservação mas, em praticamente todos, observamos algum tipo de ação antrópica.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O trabalho em si se apresenta de extrema importância para ajudar em outras teorias que ainda é um quebra cabeça para comunidade acadêmica, como no nosso caso a Itacoatiara do Ingá que apesar de muitos estudos ainda desperta curiosidades e fervorosos debates ao redor das discussões sobre seu suposto significado.

Contudo, como já dito, o propósito maior é a preservação e a manutenção desses monumentos de maneira que possamos contribuir para um tempo maior de vida dos mesmos. A nossa pesquisa até aqui já deu grandes provas de sua importância. Entretanto, cremos que se ampliarmos nossa área de estudo, contribuirá para o conhecimento dos sítios arqueológicos da região em estudo, entender o processo de confecção das inscrições rupestres (registro rupestre) na área estudada, colaborando assim, para o conhecimento dos grupos humanos que ali viveram e que foram protagonistas desses monumentos, despertando na comunidade a conscientização e a importância da preservação desses monumentos através de uma

reeducação patrimonial contribuindo, assim, para o resgate e a preservação da cultura local.

De forma geral e baseada nos dados levantados e expostos no ponto anterior, concluímos que:

1. Existem as reais condições de afirmarmos que a partir da Itacoatiara do Ingá, enquanto sítio nuclear e importante monumento arqueológico pré-histórico e as devidas comparações realizadas com os sítios trabalhados, já confirmamos a propositura proposta por Gabriela Martin (2005) de que, na Paraíba, existe uma subtradição de Itacoatiaras que denominamos de SUBTRADIÇÃO INGÁ;
2. As colocações do ponto anterior merecem melhores aprofundamentos, o conhecimento de novos sítios em uma área geográfica maior (distante da Itacoatiara do Ingá), para que possamos, a médio e longo prazo, consolidar o que ora propomos. Dessa forma, sugerimos que esta pesquisa sofre continuidade, dando ênfase a busca e análise de sítios com gravuras dentro do raio de ação inicial (45 Km) e além desse raio de ação;

## Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

3. Que a Itacoatiara do Ingá, até o presente momento, é um megalítico imponente e que apresenta uma quantidade de gravuras surpreendente, além das excelentes técnicas de confecção dos painéis e o misticismo que os envolve. Dessa forma, as demais itacoatiaras identificadas se assemelham a ela, no que a consideramos, realmente, como sendo o epicentro dessa subtradição de gravuras rupestres na Paraíba;
4. As atividades de Educação Patrimonial desenvolvida no decorrer das pesquisas e acompanhamento desses locais detentores dos sítios arqueológicos, com idas frequentes aos mesmos, surtiram efeitos minimizadores sobre os impactos antrópicos que esses locais vinham sofrendo. No entanto, também percebemos que as atividades de Educação Patrimonial necessitam sofrer continuidade em todos os locais já visitados. Ao todo, cerca de quatrocentas (400) pessoas receberam informações e materiais educativos com relação à preservação do nosso rico patrimônio arqueológico pré-histórico e histórico.



## **6. DIFICULDADES ENCONTRADAS**

Os grandes problemas em se trabalhar as itacoatiaras recaem em dois (02) pontos básicos:

1. Como os locais são de rara beleza, próximos a recursos hídricos e inspiram teorias diversas, os visitantes desses locais acabam por causarem danos irreversíveis aos painéis e, por conseguinte, as gravuras, no que compromete algumas análises;
2. Outra questão que dificulta as atividades de campo, como: prospecção do entorno dos blocos, fotografias, plotagem e desenhos, é devido a esses locais encontrarem-se próximos ou dentro de mananciais hídricos, passando parte significativa do ano submersa, o que leva-nos, quase sempre, a desenvolver as atividades de pesquisas em cinco ou seis meses no ano.

## **7. OBSERVAÇÕES E RECOMENDAÇÕES GERAIS**

Devido à importância da pesquisa para a Arqueologia Brasileira, por conseguinte, da própria região, recomendamos:

1. Escavações arqueológicas nas áreas dos sítios identificados e/ou em seu entorno, quando oferecerem condições para este tipo de atividade, ou atividades de prospecção de superfície no entorno dos sítios para recolhimento de supostos materiais arqueológicos que possam contribuir para definir o (s) grupos (s) humanos (s) que confeccionam as gravuras rupestres;
2. Desassoreamento de alguns sítios para averiguação da existência de possíveis gravuras em painéis que por ventura possam estar soterrados;
3. Ampla e irrestrita divulgação dos resultados desta pesquisa e que a mesma sofra continuidade para consolidar a tese por nós levantada: a que de fato existe uma subtradição rupestre de itacoatiaras na Paraíba, tendo como sítio nuclear/base a Itacoatiara do Ingá.

## **8. REFERÊNCIAS**

**ABAR.** Associação Brasileira de Arte Rupestre (ABAR). Obtido em: [www.globalrockart2009.ab-arterupestre.org.br/default.asp](http://www.globalrockart2009.ab-arterupestre.org.br/default.asp). Acesso em: 20 jul. 2014.

ALMEIDA, Ruth Trindade. **A arte rupestre nos Cariris Velhos.** João Pessoa: UFPB, 1979.

BASTOS, Solange. **O paraíso é no Piauí:** a descoberta da arqueóloga Niède Guidon. São Paulo: Família Bastos Editora, 2010.

BELTRÃO, Maria da Conceição. **Pré-História do Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Forense, 1978.

BRITO, Gilvan de. **Viagem ao desconhecido:** os segredos da Pedra do Ingá. 3. ed. Brasília: Gráfica do Senado, 1998.

BRITO, Vanderley de. As inscrições da Pedra do Ingá. Revista **do UNIPÊ, série: Ciências Humanas e Sociais.** ano XI, n. 1. João Pessoa: 2007.

\_\_\_\_\_. **A Pedra do Ingá:** Itacoatiaras na Paraíba. João Pessoa: JRC Editora, 2008.

Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

\_\_\_\_\_. **A Pedra do Ingá: Itacoatiaras na Paraíba**. 5. ed. João Pessoa: JRC Editora. 2013.

**CONAMA**. Conselho Nacional do Meio Ambiente (CONAMA). Brasília: IBAMA, 1986.

COSTA, Angyone. **Indiologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Livraria Editora Zélia Valverde, 1943.

FARIA, Francisco Carlos Pessoa. **Os astrônomos pré-históricos do Ingá**. São Paulo: Ibrasa, 1987.

GALDINO, José. **O segredo das itacoatiaras**. 4. ed. São Paulo: UNE, 2006.

HACHETTE, Librairie. **Encyclopedie par L'image: La Préhistoire**. Paris: Créte Corbeil, 1930.

**MAPA DA PARAÍBA**. Obtido em: [www.wikipedia.com.br](http://www.wikipedia.com.br). Acesso em: 20 jun. 2014.

MARTIN, Gabriela. Estudos para uma desmistificação dos petróglifos brasileiros: (I) A Pedra Lavrada de Ingá (Paraíba). **Revista de História -USP**, n. 102 - abr./jun. São Paulo: 1975.

\_\_\_\_\_. Fronteiras estilísticas e culturais na arte rupestre da área arqueológica do Seridó (RN, PB). **Revista Clio Arqueológica**, n. 16, v.1. Recife: UFPE, 2003.

\_\_\_\_\_. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 4. ed. Recife: Editora da Universidade Federal de Pernambuco, 2005.

McCORD, Jonas. **O Corpo**. EUA, Alemanha, Israel: Avalanche Films, 2000. Color. 1h50min.

MEDEIROS, Coriolano de. **Dicionário Corográfico do Estado da Paraíba**. 2. ed. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1950.

MENESES, Altair J. de. **Arte rupestre em sul de Portugal**. Lisboa: Ed. Tourus, 1983.

**MURALHA DO MEIO DO MUNDO**. Obtido em: [www.dbike.org](http://www.dbike.org). Acesso em: 2 dez. 2014.

OLIVEIRA, Thomas Bruno. As inscrições marginais do Ingá. **Boletim Informativo da Sociedade Paraibana de Arqueologia**, ano I, no 1. Campina Grande: 2006.

PROUS, André. **Arqueologia brasileira**. Brasília: UNB, 1992.

RODRIGUES, Janete Lins (Coord.). **Atlas escolar da Paraíba**. João Pessoa: GRAFSET, 2000.

Estudos da Tradição Itacoatiara na Paraíba: Subtradição Ingá?

SANTOS, Juvandi de Souza. **Ocorrências de Itacoatiaras na Paraíba**. João Pessoa: JRC, 2007.

\_\_\_\_\_. **Arqueologia: correntes e perspectivas**. João Pessoa: JRC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Manual do Arqueólogo**. Campina Grande: EDUFCG, 2010.

\_\_\_\_\_. **Cartilha de Educação Patrimonial**. João Pessoa: JRC, 2011.

\_\_\_\_\_. **MISSÕES RELIGIOSAS IBÉRICAS NA CAPITANIA DA PARAÍBA: ATIVIDADES HISTORIOGRÁFICAS E ARQUEOLÓGICAS PARA IDENTIFICAÇÃO ESTRUTURAL E OBRAS MISSIONÉIRAS NO PROCESSO CIVILIZADOR DO INDÍGENA**. 342 p. Tese (Pós-Doutorado em História/Arqueologia Histórica Missioneira). Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS: Porto Alegre, 2014.

VIALOU, Agueda V. **O conhecimento das sociedades pré-históricas através do estudo da arte rupestre pré-histórica**. Obtido em: [www.academia.edu/2183681/0](http://www.academia.edu/2183681/0). Acesso em: 12 mai. 2000.

O livro em questão apresenta como principais objetivos o de realizar o levantamento, a identificação e a catalogação dentro da área polarizada pela Itacoatiara (gravuras rupestre) do Ingá, sítios da Tradição Itacoatiara de gravuras rupestres que apresentem as mesmas características (ou não), de confecção dos petróglifos em meia-cana, tendo como sítio nuclear a Itacoatiara do Ingá, para compará-las as gravuras identificadas nesses sítios as do Ingá e identificar uma provável existência de uma subtradição de arte rupestre de Itacoatiara para a região do estado da Paraíba e adjacências. Para tanto, realizamos atividades de campo durante três anos e já identificamos mais de quarenta (40) itacoatiaras, sendo que, neste trabalho, apenas apresentamos o estudo realizado sistematicamente em dezenove (19) sítios, no que concluímos, mesmo que de forma prematura e dado a importância da Itacoatiara do Ingá como sítio arqueológico de rara beleza e com característica única no Brasil, que existe, de fato, a partir deste importante sítio, uma cultura das itacoatiaras numa larga região do que hoje é o estado da Paraíba e circunvizinhanças, que denominamos de Subtradição Ingá. Finalmente, somos conscientes que necessário se faz a busca de mais sítios com gravuras numa área maior do que a que trabalhamos nesta etapa primeira do projeto que recebeu apoio financeiro do PROPESQ/UEPB, num raio de 45 Km a partir do sítio nuclear), para que possamos melhor consolidar nossa propositura. Paralelo as atividades arqueológicas foram desenvolvidas atividades de Educação Patrimonial, objetivando salvaguardar para as gerações presentes e futuras, o pouco que ainda resta dos sítios arqueológicos da região, no que também sugerimos que tais atividades sofram continuidade paralelamente as atividades de pesquisas de novas ocorrências de itacoatiaras na Paraíba.

